

O QUE É O QUE É?

INFÂNCIAS KALUNGA

MARISE GLÓRIA BARBOSA / CURADORIA

O QUE É O QUE É? INFÂNCIAS KALUNGA - MARISE GLÓRIA BARBOSA / CURADORIA



O QUE É O QUE É?
INFÂNCIAS KALUNGA

APRESENTAÇÃO:



SEDUCE

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE

GOIÁS
ESTADO INOVADOR

PRODUÇÃO EXECUTIVA



APOIO



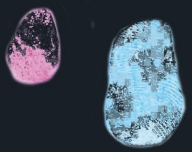
ESTE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELO FUNDO DE ARTE E CULTURA DO ESTADO DE GOIÁS 2016, SEDUCE E GOVERNO DE GOIÁS

Nilveo Fernandes dos Santos

Suzana de Aquino Santos

Benedito de Almeida Reis

Laureles Fernandes de Souza



Adelene P. dos Santos

Nirone Pereira Soares

Merentina Neves dos Santos

Jordana Lima da Costa



O QUE É O QUE É?

INFÂNCIAS KALUNGA

Marise Glória Barbosa • Curadoria

Wilton Rulleiro Lopes

Vicente Dias de Sil

Rosilene Lima Soares Luciana Cunha Santiago

O QUE É O QUE É? INFÂNCIAS KALUNGA - MARISE GLÓRIA BARBOSA

Milza Moreira dos Reis



Bonim dos Santos

Terzina

Suzidith Soares da Cunha

Maryang Rosa P. Sirofin



Maria dos S. Rosa

Juraci Moreira dos

Prosimar de Almeida Soares

Teolara de Aquino

Prosimar da Cunha Santiago

Maria Divina Farias dos Santos

Domine Rodrigues



O QUE É O QUE É?
INFÂNCIAS KALUNGA

Curadoria: Marise Glória Barbosa

Copyright © 2018 by Marise Glória Barbosa

Projeto Gráfico e Arte da Capa
Caroline Buchalla Duprat

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

Catálogo na Fonte
Biblioteca Pública Estadual Pio Vargas
CDU: 779.81

Direitos Reservados

Ficha Catalográfica:

Barbosa, Marise Glória (curadoria)
O que é o que é? infâncias Kalunga - 1. ed
128 p. Goiânia, GO.

ISBN: 978-85-400-2368-0

1. Educação 2. Kalungas. 3. Música I. Título.
CDU: 869.0(81)(024.7)

Impressão e acabamento
Editora Kelps
Rua 19 no 100 - St. Marechal Rondon
CEP 74.560-460 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

MESTRAS E MESTRES QUE NARRARAM E CANTARAM AS HISTÓRIAS E AS CANTIGAS

- Benedita Edeltrudes da Silva
- Brazilina dos Santos Rosa
- Calisto de Sousa Santos
- Celina Farias da Silva
- Cinésia dos Santos Rosa
- Clarindo Pereira Fernandes
- Dainda – Natalina dos Santos Rosa
- Daniel Rodrigues da Conceição
- Delfina dos Santos
- Domingas dos Santos
- Kita de Souza Ribeiro
- Laurindo dos Santos Rosa
- Leonildo Pereira dos Santos
- Maria Pereira Fernandes
- Nicanor Pereira Soares
- Procópio dos Santos Rosa
- Santa Fernandes de Castro
- Síraca P. Tartuliana
- Teodora de Aquino
- Vicente Dias da Silva

AS CRIANÇAS QUE ENSINARAM OS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Ana Paz Moreira de Castro / Claudia Fernandes dos Santos – Tôca - (RL)
Clarisse Amoreira Pereira Lopes / Escola Kalunga I – Maiadinha
Cristiane Soares Rosa / Escola Kalunga I – Maiadinha
Diego Pereira Fernandes / Claudia Fernandes dos Santos – Tôca - (RL)
Felipe Rodrigues dos Santos / Benedita E. da Silva (RL)
Gabriel Pereira Fernandes/ Claudia Fernandes dos Santos – Tôca - (RL)
Gabriel Pereira Hermel / Benedita E. da Silva (RL)
Karina da Silva Santiago / Brazilina dos Santos Rosa – Brada (RL)
Larissa/ Brazilina dos Santos Rosa – Brada (RL)
Larissa de Sousa Santiago / Rosimar da Cunha Santiago (RL)
Letícia/ Marinês Rosa Costa Serafim (RL)
Luís Henrique Pereira dos Santos/ Brazilina dos Santos Rosa – Brada (RL)
Mateus Souza da Silva / Benedita E. da Silva (RL)
Ricael Pereira da Silva (Pito) / Rosimar da Cunha Santiago (RL)
Misael Moreira de Castro / Claudia Fernandes dos Santos – Tôca (RL)
Thayná Rodrigues dos Santos
Wesley da Cunha Santiago / Rosimar da Cunha Santiago (RL)

SUMÁRIO

Para apresentar	08
Minino nascendo	16
Minino crescendo e aprendendo	16
Histórias com Viajantes, Reis...	17
O Rei e suas filhas – Laurindo dos Santos Rosa	19
Juliana e Dom Jorge e Marculina – Laurindo dos Santos Rosa	21
O Rola-Rola – Laurindo dos Santos Rosa	23
História do Rei e de Camões – Kita de Souza Ribeiro	30
O Rei mais Camonge – Calisto de Sousa Santos	32
Camonge foi desleitiá o Boi – Dainda – Natalina dos Santos Rosa	36
Cundungueiro – Brasilina dos Santos Rosa	38
Fortina – Delfina dos Santos	40
Branca de Neve – Recriada por Letícia – 4 anos	42
Chapeuzinho Vermelho – Recriada por Letícia – 4 anos	42
O Homem Amoroso, o Cego e a Cobra – Clarisse Amoreira Pereira Lopes	43
Camonje e as fia do Rei – Maria Pereira Fernandes	45
Histórias com bichos	46
Boi Azeitão – Laurindo dos Santos Rosa	48
A Coelha, seus três filhos e a Onça – Dainda – Natalina dos Santos Rosa	51
O Gato do mato e o Lobo Guará – Laurindo dos Santos Rosa	52
Si ai Si ai, zagarêaê! Esse mungango num é bom fiais – Procópio dos Santos Rosa	54
Onça, Cascavel, Leão, Coelho e o Rei – Calisto de Sousa Santos	56
Veado, Coelho, Macaco – Cristiane Soares Rosa	57
História da Onça mais o Cuêi – Valmir Edeltrudes Rodrigues	61
Histórias que gente vive	62
Leivosias – Laurindo dos Santos Rosa e Procópio dos Santos Rosa	63
A inteligência e a linguagem do corpo – Dainda – Natalina S. Rosa e Calisto de S. Santos	64
O filho entregue para a Senhora Aparecida – Rosimar da Cunha Santiago	65
Nadando na enchente aos 8 anos – Daniel Rodrigues da Conceição	66
Perna de pau – Leonildo Pereira dos Santos	67
Serrador de Iaiá – Cantiga e história – Domingas dos Santos	68
Reza pra chuva cair – Cantiga e história – Benedita E. da Silva e Celina F. da Silva	68
O menino benzedor – Mateus Sousa da Silva	69
Brinquedos	70
Como Fazer uma Baratinha	70
Batidor – Diego Pereira Fernandes	72

Boilé	74
Cajueiro Piquinin – Maria P. Fernandes, Teodora de Aquino, Clarindo P. Fernandes	75
Versos – Um pequeno repertório	76
Brincadeiras de Ronda ou Roda	81
Piranha – Brada, Brasilina dos Santos Rosa	82
Jovina – Maria Pereira Fernandes	82
Caranguejo – Procópio dos Santos Rosa	83
Passei no pé de laranja – Karina da Silva Santiago	83
Candarim de Sinhá – Daínda – Natalina dos Santos Rosa	84
Barbuleta preta – Daínda – Natalina dos Santos Rosa	85
Menino num maltrata essa nega – Domingas dos Santos	85
Soldade do Ejerce – Daínda – Natalina dos Santos Rosa	86
Brincadeiras em grupo	89
As abobras, a dona e o velho	90
Brincadeira do Bode	91
Luta: Trancinha	92
Gelar	93
Gelinho, Gelão/ Morto, Vivo	93
Cantiga pra brincar Cochete	94
Esconde-esconde	95
Pobre, pobre	95
Cantigas	97
Mariquinha da Beira do Rio – Domingas dos Santos	98
Cantiga da Tataíra – Domingas dos Santos	98
Ô Tim ô Tcha – Roda Escola Tia Desuíta – Diadema	99
Chico Chico – Brasilina dos Santos Rosa	99
Bendito Espírito Santo – Thayná Rodrigues dos Santos	100
Benção – Delfina dos Santos	103
Adivinhações	104
O Glossário	116
Agradecimentos	122
Referências Bibliográficas	124
Notas	125
E de onde falo eu?	126

“E assim, cê fazeno um vídio desse, a gente guarda... Um livro!

Que tem cuidar, é desses minino aí.
Eu vou morrê e vai vim fio deles.

Um tetereneto aí... Essa aqui era minha bisavó! Isso é bom demais num é? Intão eu acho muito bom esse trabaio d'ocês.

Que vai em frente!”.

Domingas dos Santos, Diadema





PARA APRESENTAR

Este livro integra um projeto fruto de uma pesquisa em Território Kalunga para conhecer infâncias, de ontem, de hoje. No plural porque envolve vivências e memórias em tempos, espaços. O conteúdo traz histórias, brinquedos, brincadeiras e entre elas as adivinhas.

O suporte, imprescindível, do Edital 2016 do Fundo de Arte e Cultura de Goiás (FAC-GO), Secretaria de Educação Cultura e Esportes do Estado de Goiás (SEDUCE), e Gláucia Rodrigues do Centro de Estudos Universais – CEU tornaram possível este trabalho.

A autoria é de quem os conhece e compartilhou seus universos. A curadoria, a construção da exposição em diferentes mídias tem também a função de devolução e são de minha responsabilidade.

Esses saberes foram confiados a nós em encontros entre Mestres, jovens e crianças. Em Escolas no Riachão, Maiadinha e Diadema. Em entrevistas na Festa de São João no Sucuri, no Tinguizal, Areia, Fazenda da Barra e Vão de Almas. Em encontros à noite no Riachão, Areia e Diadema, onde parte das pessoas que vivem nessas comunidades aceitou nosso convite, para reproduzir práticas de encontros noturnos, contar histórias, jogar adivinhações e versos.

De muito ouvir sobre tecer, percebo as gravações como o urdume¹ e a relação com as pessoas e seus saberes, a trama. Essa união criou o tecido que aqui se apresenta em intertexto: texto escrito, imagem e som.

As imagens, editadas em pequenos documentários, estão publicadas no canal do Youtube: O que é o que é? Infâncias Kalunga. O CD guarda o particular dos falares, as histórias cantadas e as cantigas. O livro se organiza pelos temas e contém entrevistas, transcrições das histórias, brincadeiras e adivinhas.

Kalunga é o nome do povo que vive nos vãos entre as serras dos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, a nordeste do Estado de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. O processo de construção de sua realidade e suas culturas está entretido com esta geografia particular.

Formado pela união de pessoas africanas, afro-brasileiras, indígenas de diferentes origens, o povo Kalunga se criou subvertendo as estruturas de exploração inerentes ao escravismo colonial. Criaram e sedimentaram entre fins do século XVII e início do século XVIII, um território quilombola. Construíram uma vida em liberdade para si, para as gerações que se seguiram, consolidando sua existência como povo.

As origens do povo Kalunga e a ocupação de seu Território costumam despertar muito interesse em quem chega por aquela região. Laurindo dos Santos Rosa, morador do

Tinguizal, e Dona Procópio dos Santos Rosa, sua prima e moradora do Riachão, ambos com 84 anos, conversam sobre esse processo físico, cultural, comunitário e político.

Laurindo diz que:

“Tem uma superstição que o povo que veio pr’aqui veio fugido. Agora eles vem de lá de longe e quer que eu conte como é que foi o primeiro que veio pr’aqui! Eu num intendo disso!”

D. Procópio complementa:

“Eu também não sei. Os mais véi num ispricou pra nós como é que veio e quem podia contar era a avó de nós, mas acho que nem ela sabia como é que veio pr’aqui. Pra contar assim: o meu povo veio de tal lugar, ninguém contou, ninguém! O povo me percura isso, e eu não sei contar essa história. É conhecido dê pra cá. Mas ês num ispricou como é que o povo dê veio, como é que não veio... Chega um aqui e diz: Não! Cês veio foi de tal lugar. Mas eu não sei!”

É nós!

A escolha da escuta do outro na oralidade como caminho, nos integra ao universo das tradições orais: “a grande escola da vida”² que a tudo une. Significados se expressam em vozes, gestos e corpos. Corpos que guardam crenças, hábitos, valores, funções e lembranças.

O cotidiano é o lugar de construção e sedimentação dos valores civilizatórios pertinentes para a vida como o desenvolvimento da memória, inteligência, sagacidade, força, respeito pelas pessoas mais velhas, autonomia, responsabilidade por si, capacidade de tomar decisões, conhecer o ambiente e interagir com ele, para citar alguns. E os trabalhos realizados por crianças se incluem na produção material da vida.

Com a idade de cinco anos, Domingas dos Santos já trabalhava na roça tampando a cova atrás de quem estava plantando. “Minino da roça num tem isso não! Negócio de esperar idade não. Se precisar fazer, tem que fazer”.

D. Cinésia dos Santos começou a fiar aos 4 anos porque mais tarde os dedos ficam duros.

E todas elas espantavam periquitos que adoram comer o arroz quando esse solta os cachos. Ficam cheios de açúcar, os periquitos atacam em bandos para comer e é trabalho das crianças, espantá-los. Um trabalho que garante que o arroz vai se desenvolver até o ponto de ser colhido.

O dia a dia oferece os signos e significados para as brincadeiras das crianças. A construção de casas, uso e cuidados com ela. A reprodução dos festejos, as folias com seus cortejos. A produção de instrumentos musicais com cabaças. Cantar e inventar as cantigas. Fazer bonecas, caçadas, fazer famílias, filhos, cuidar dos resguardos, pós-parto. Brincar de vôlei na cerca da escola, jogar bolinhas de gude, soltar pipa, nadar no rio.

A criação de adivinhas para jogar é possível para esses olhares infantis, atentos ao universo em que habitam e no qual se formam como seres humanos.

Santa Fernandes pergunta:

- O que é o que é? Antes da mãe girá a fia já girou?
- ???
- Fumaça! Num vê que cende o fogo, e iante do fogo pegá, a fumaça já tá girano?

Ana Paz Moreira de Castro, 12 anos:

- É mermo! O fogo é a mãe!

As memórias da infância de Mestres e Mestras trouxeram as experiências das práticas coletivas de contar histórias, cantar, jogar adivinhas e versos em noites de lua clara dentro de casa ou deitados sobre couros de boi ao relento. A claridade e o ambiente também permitiam que muitas mulheres e meninas fiassem balaios cheios de algodão – tarefa fundamental para a produção de roupas e cobertas que protegem do frio de junho, que agora nem tem mais...

A relação com pessoas estranhas, que chegavam, sempre provocou o cuidado com as crianças até a construção da confiança. Cuidados que integram os relatos e estão em diálogo com a comunicação por sinais, com a ausência de gritos, com as práticas de não acender fogo em horas de visibilidade da fumaça. Um empenho coletivo que permitiu manter por muito tempo, em segredo, a existência do povo Kalunga naqueles vãos entre as serras.

Laurindo Santos Rosa conta que as brincadeiras antigas foram acabando porque o povo ficou chateando, dizendo que aquilo era umas “bestage”. Os mesmos princípios estão nas cantigas:

“Vou largar serviço de roça Madalenda
Que é um serviço atrasado
Vou me embora pro sertão Madalenda
Vou campear meus gado”

Conhecimentos ancestrais renovados e sedimentados pela vivência e sobrevivência durante gerações incluem brincar, contar histórias, criar adivinhações e versos. Incluem saber plantar e colher em quantidades e qualidades adequadas o suficiente para a sequência

das estações do ano. A manutenção da vida inclui o manejo das áreas com diferentes tipos de vegetação e diferentes usos, como o manejo das águas. Os conhecimentos sobre alimentação, tratamento de doenças e cuidados com a saúde desde os nascimentos até as mortes. A criação dos animais, seu uso para o alimento, para o trabalho.

Muitas transformações chegam cotidianamente e encontros inevitáveis com a modernidade e seus valores hegemônicos desvelam a face contemporânea do colonialismo. Constroem um viés pelo qual os saberes ancestrais são continuamente fraturados, reduzidos ao silêncio, ao passado, ao esquecimento, ao inexistente, às “bestage”.

Essa hegemonia da modernidade³ apresenta-se, localmente, em relações predatórias das brincadeiras, do uso do tempo, dos conhecimentos construídos em relação estreita com a natureza.

Eles evém é nos ossos da noite... Sutil

As transformações chegam devagar e Dona Procópia observa processos que enevoam o diálogo com as culturas ali construídas e levam ao seu silenciamento. Conta da relação das escolas com a guarda dos dias santos na cultura Kalunga.

“Quando começou a aula aqui, foi ispricado os dia santo, que num era pra dá aula! Dia de São Berlameu, dia de Santa Rita, São Simão, São Bastião, São Rumão, esses santo tudo, num dava aula. Aí depois, entrou outros professor, já num reservou mais! E leva tudo aí que num tem dia santo! Os dia santo deles é só os feriado deles, mas os dia santo da gente eles num guarda mais, e leva tudo!

Mas quando começou, já foi falado que os dia santo era pra respeitá! Ês num dá valor nesses dia santo que nós guarda.

E em feriado (deles) nós trabaia que nós num intende ele!” (D. Procópia ri!)

Valmir Edeltrudes Rodrigues, professor da escola no Riachão, complementa:

“Tem a vó Procópia ali que dêis dos bisavó, tataravó dela, quando ela conheceu, esse dia santo ninguém trabaia!

Dia de São Berlambeu pra tirar o sentido daquele que não é meu. É porque é um dia muito estiloso. É pra gente não ficar com o sentido nas coisas que é dos ôtro”.

Os modos de falar do povo Kalunga são identificados como variações linguísticas. Revelam e exemplificam heranças de antigos falares e o uso de palavras cujos significados se ampliam para expressar modos de pensar, ser e estar no mundo. A palavra e sua fala

são um lugar onde os conhecimentos estão inscritos. A palavra é testemunho daquilo que a pessoa é, e não se separa da cadeia de transmissão da qual ela faz parte. Fortalece o pertencimento e integra o princípio: pertencço, logo existo.

O mundo onde “cultura, natureza, corpos, saberes, arte, vida, tradições, atividades funcionais” estão conectadas, a lógica colonial cataloga em termos de índices de raças e civilizações inferiorizadas⁴.

As variações linguísticas são insustentáveis do ponto de vista da epistemologia ocidental. Esta tem hegemonia em espaços formais e impõe aos falantes a necessidade de mediação entre quaisquer modos de falar e a língua padrão. Mas ainda assim o “ser, pensar e agir em línguas desdenhadas, [e suas variações], estão vivos”⁵.

Aqui compartilhamos o link para o trabalho⁶ de um professor que reflete sobre a presença das variações linguísticas na comunidade da Fazenda Côco, em Território Kalunga. Terra de seus ancestrais, onde ele próprio nasceu, cresceu e tem suas referências e raízes que organizam sua fala, sua expressão. Na Fazenda Côco se fala uma variação linguística do português do Brasil que, como muitas outras línguas, é desdenhada pela lógica da ciência e razão instrumentais, enquanto lugar de cognição e produção de saberes.

A discussão do uso das variações linguísticas alinha esse trabalho do professor Kalunga à reflexão crítica da mentalidade colonial. Essa que desmoraliza categorias de pensar e se expressar assentadas em linguagens dissonantes frente aos cânones europeus tornados padrão.

Povos subalternizados, quilombolas, indígenas e outros grupos discriminados tem reverberado sua presença com o fortalecimento de suas referências e organizações identitárias. Têm buscado autonomia e legitimidade de suas expressões culturais, lutando por direito à memória, território, cidadania. E por caminhos de reflexão intelectual e da arte, têm questionado a colonialidade⁷, abrindo perspectivas para sua rasura.

As Fortinas

O mote deste trabalho são as infâncias. Assim, é impossível deixar de tocar em um assunto que não é brincadeira não! Fortina é o nome de uma personagem que canta sua vida e morte por vingança de seu pai, que não aceitou sua recusa ao assédio dele. Um tema que aparece em conversas e em história cantada incluída no livro e no CD. Aparece, também, na imprensa e em tribunais das cidades ao redor do Território⁸.

Atribui-se à falta de escolas nas comunidades a ida das meninas para as cidades, vivendo longe de sua família e comunidade. Sozinhas e vivendo em casa de famílias que deveriam apoiá-las, ficam vulneráveis e sofrem o abuso do trabalho em troca de alimento

e ou abusos sexuais pelos patrões. Uma realidade que entretetece patriarcado e racismo.

O trabalho citado aponta para a fratura provocada no ser das meninas que sofreram e sofrem abusos. Sua história evidencia a fragilização do desenvolvimento de suas potencialidades como mulheres criativas e plenas.

O Tecido em Exposição.

Os mestres e as mestras são autores dos textos orais aqui expostos. Do mesmo modo, as crianças e sua interpretação dos brinquedos, brincadeiras, adivinhas. Todos compartilharam confiantemente suas memórias, experiências pessoais e também aquelas que conheceram pela linha de transmissão à qual pertencem. As narrativas em seus múltiplos formatos, se dispõem a remeter a quem as ouve, lê ou assiste, à memória de gestos e vivências comunitárias.

As histórias se iniciam com a fala de Dona Cinésia dos Santos, parteira com muita experiência que nos conta sobre partejar e criar minino. Algumas histórias cantadas e rezas estão também no CD que traz a voz de quem narra e as melodias que dão volume ao texto.

Há um personagem com muitas histórias: Camonje ou Camões. Ele mostra uma sagacidade usada para a sobrevivência aos autoritarismos representados pelo Rei, que interage com ele. Camonge precisa ficar atento todo o tempo para se desvencilhar criativa e astuciosamente de armadilhas preparadas pelo Rei em sua constante busca por desmontá-lo de sua dignidade.

As histórias estão organizadas por temas. Histórias de Viajantes e Reis, Histórias de Bichos, Histórias que Gente Vive. Essas últimas tratam das experiências pessoais que denotam práticas culturais sedimentadas; a intermediação da Senhora Aparecida para a criação de uma criança, reza para São José da qual as crianças participam.

As adivinhas, expressão de olhares agudos para o mundo, com significados compartilhados, estão junto com as brincadeiras.

Os textos orais constroem sua dinâmica por caminhos plenos de digressões e repetições que requerem edições e cortes para construir a fluidez da narrativa no texto escrito. Cortes também foram feitos em razão dos limites do texto impresso. Belas e importantes narrativas, cantigas e rezas não puderam ser incluídas.

Ainda que pontuais e fragmentárias, as narrativas projetadas por este trabalho se alinham e se somam a caminhos de compreensão relacionados a “costumes e tradições na esteira da longa historicidade transcontinental que envolve as literaturas orais”⁹.

Um glossário compartilha significados e respalda as leituras deste trabalho desenvolvido por muita gente.



Ficha Técnica

A articulação que nos introduziu a redes de relações com as comunidades e pessoas que acolheram nossa proposta foi elaborada por: Ester Fernandes de Castro (Ester Kalunga), Lourdes Fernandes (Bia Kalunga), Maria Divina Faria dos Santos, Suziana de Aquino Santos, Nilça Fernandes dos Santos e Rosimar da Cunha Santiago, como produtoras locais.

As gravações em vídeo, a parceria no estabelecimento de relações de proximidade e confiança com as pessoas, a edição em perfeito diálogo com a proposta e suas possibilidades, são de Ester Simon Alano.

Segunda câmera e apoio ao áudio em Diadema, Ribeirão dos Bois e Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, Natália Vitral Costa.



A elaboração do CD, edição do áudio que sofreu com o vento e com as gravações em contexto, são de Eduardo Machado.

Fotos de Mayara Maximila. Exceto fotos das páginas 20 e 56 de André Dib.

Apoio nas transcrições, Isadora Alves de Moraes e Jaqueline Fontenelle Duarte.

Revisão do texto por Heverson Nogueira e Jaqueline Fontenelle Duarte.

Diagramação, identidade visual e ilustrações, Caroline Buchalla Duprat.

Produção executiva de Geovana Jardim, pelo Instituto Jardim Cultural.

Pesquisa, curadoria, textos de apresentação, captação de áudio em campo e coordenação, Marise Glória Barbosa.

MININO NASCENDO

Cinézia dos Santos, Parteira – Diadema, Terezina de Goiás.

“Tem que sentar firmo! A muié sentá firme, e as parteira tem que levá a mão devagarzim, que num incalca a criancinha dentro, devagarzinho, conserta tudo devagarzinho, vai puxano, vai puxano de um lado e outro, incaixan’ele!

Se vê que ele sube pra aqui, ela bota a mão aqui devagarzim, puxa... Vai puxano, vai puxano, até ele encaixá. Da hora que ele encaixou, a dor bateu, num tem jeito! Que tem que ajudar a bichinha, senão num nasce não...”

MININO CRESCENDO E APRENDENDO

“Mas a pessoa que tá na terra e pensa que num precisa de nada? Ele precisa de muitas coisa, minha fia. Eu se num tenho essa luzinha que Deus me deu, [se] eu num companho minhas vó, minha bisavó, o quê que eu sabia? Eu num fui ni iscola. Que naquele tempo muié só vivia na inxada. Ninguém arranjava iscola.

Eu tenho criado filho e num é brinquedo não! Difícil é educar ele, educar ele pra ele ser gente que nem nós, direito que nem nós. E hoje num tem minino direito mais. Hoje tudo é torto e ocê que vai se vê!

Criar minino num é brinquedo não, num é panhar um pedaço de ramo aqui botar na cabeça e plantar no mundo não! Ele doece, cê precisa de dar um remédio. Na hora de banhar, ce precisa banhar aquele minino. Cê precisa de ter uma roupinha pra vistir, cê pricisa dar o alimentinho dele, tudo ocê pricisa dar.

Os fio nosso nós tem que contar prele assim: – Ô meu fio, ocê anda direito, ô fulano, num faz malcriação pra ninguém. Fulano chega na casa de fulano, sabe conversar com as pessoas, sabe andar mais as pessoas. Assim que nós faz com as criança, é assim.

Se um minino vai na casa de uma pessoa, por isso chega lá, sabe obedecer ela, sabe tratar ela como eu trato os ôtro, todo mundo.

Aqui é isso. Esse assim é que eles me ensinou. Foi isto. Eles falava: – Ó minha fia, cê chega na casa de uma veinha que tá fazendo seu serviço, cê toma aquele serviço e vai fazer pra ela, panha um pote d’água pra ela, lava um prato pra ela.

Seja feliz, ela vai falar. Seja feliz! Tudo que um véi fala prum novo, tá no céu!”





HISTÓRIAS COM VIAJANTES, REIS...

O REI E SUAS FILHAS • CD FAIXA 1

Laurindo dos Santos Rosa – Tinguizal, Monte Alegre

Naquele tempo, toda coisa do rei era degolar, né? E ir pra forca. E ele tinha duas fia. Uma chamava Infância e a outra que eu não sei o nome, era bonita! Sei que o marido da outra se chamava Dom Conde de Flores.

E a Infância não arranjava quem queria casar qu'ela. E um dia o que que ela fez?

Falou:

- Meu pai, D. Conde de Flores falou que se ele não fosse casado ele casava comigo.

E o Rei disse:

- Ah então fala qu'ele que vem cá. Aí mandou, ele foi.

E ele falou:

- Disse que ocê falou de casá com Infância se ocê num fosse casado?
- É vosso Rei, eu não falei não, mas palavra de Rei não volta atrás...
- Pois é! Toma essa bacia e traz a cabeça dela aqui. Deu o cutelo.

Aí ele voltou e quando ele chegou lá, ela procurou:

Meu marido, meu marido
Acolá mãe
Que nova ocê veio me dar

Me botá nas casa escura
Acolá mãe
Que não vê nem sol nem lua

A nova que eu vim lhe dar
Acolá mãe
Que seu pai mandou matar

Pois o rei, pois ele disse
Que é pra levar sua cabeça
nessa formosa bacia.

Meu marido, meu marido
Acolá mãe
Eu vou te dar a um conselho

Meu marido, meu marido
Acolá mãe
Deixa eu te dar a um conseio

Me bota na mata fria
Acolá mãe
Que o bicho me comerei

Pois o rei pois ele disse
Que é pra levar sua cabeça
nessa formosa bacia.

Nego apanha meu cumê
Acolá mãe
Se eu comer por despedida

Seu cumê já esta pronto
Acolá mãe
Que outro não comerei

Nego apanha meu café
Acolá mãe
Se eu tomar por despedida

Seu café já esta pronto
Acolá mãe
Que outro não beberei

Nego apanha meu cigarro
Acolá mãe
Se eu pitar por despedida

Seu cigarro já tá pronto
Acolá mãe
Que outro não pitarei

Nego apanha meu violão
Acolá mãe
Se eu tocar por despedida

As lagrima eram tanta
Acolá mãe
Pra o violão se correram

Nego apanha mia fiinha
Acolá mãe
Pra mamar por despedida

Mama mama mia fiinha
Acolá mãe
Essa derradeira gota

Que hoje mama ni mãe
Acolá mãe
Amanha mama ni tia

Descasar um bem casado
Acolá mãe
Pra casar um mal casado

Foi quando chegou um na carreira!

- Ê! num mata a de cá não, que a de lá caiu de lá de cima do palácio, quebrou
o pescoço, morreu

Ele pegou o cutelin e a bacia levou e botou lá! É.

JULIANA E DOM JORGE E MARCULINA • CD FAIXA 2

Laurindo dos Santos Rosa – Tinguizal, Monte Alegre

Tinha uma moça que chamava Juliana e o rapaz era Dom Jorge. Eles era primo, combinaram pra casar e o Dom Jorge saiu pra caçar recurso. Lá ele arranhou uma senhora Marculina, incutiu e esqueceu da outra. É a outra cá, soube. Ela preparou dois copos de veneno e guardou.

Aí um dia ele veio pra avisá o povo dele, e se é de embora de lá, foi lá na Juliana.

E bom dia Juliana,
Ni seu troninho assentada
(bis)

Bom dia Dom Jorge
Ni seu cavalo amuntado
(bis)

Aí eles prosaram, prosaram, aí despediu dela pra sair. Ela foi falou.

Eu soube seu Dom Jorge
Cê tá de casamento tratado
(bis)

Vou pegar um copo de vinho
Que eu tenho procê guardado
(bis)

É devera Juliana
Quem disse tá enganado
(bis)

É devera Juliana,
não me traga em falsidade
(bis)

Espera seu Dom Jorge
Deix'eu ir ni meu sobrado
(bis)

Você pode bem pensar
que nós somo primo carnal
(bis)

Ela pegou o copo de vinho deu a ele e ele bebeu. Quando e bebeu, ele tava muntado e num inxergou o cavalo.

Adeus prima Juliana
O que é que tem nesse vinho
(bis)

Tô qu'esta rédia na mão
Mas não enxergo o meu russinho
(bis)

Minha mãe se bem pensava
Que tinha seu filho vivo
(bis)

Deixo ouro deixo prata
Pra essa dona Marculina
(bis)

A minha tombém pensava
Dom Jorge qu'ocê casava comigo
(bis)

Num mim importa o que tu deixa
D. Jorge pra essa dona Marculina
(bis)

Ela pegou o outro copo de vinho, bebeu e morreu todos dois...



Laurindo dos Santos Rosa – Tinguizal, Monte Alegre

Então era uma muié que tinha três fío. Uma era muié, chamava Ana, e dois fío homi, um chamava João e o outro José. Aí a Ana desapareceu, eles esperou e nada, num apareceu.

Aí o José disse:

- Mãe, eu vou atrás de minha irmã!

A mãe perguntou:

- Onde é que ocê ranja ela mais?

- Arranjo!

E saiu. Vai, vai, vai lá, muito tempo, ele certou lá num lugar lá que ia passando. Aí ele viu dar uma gaitadinha lá de lado. Fez chachacha! No que ele olhou pra lá, tinha um barbudinho lá, aí ele rompeu pra lá.

Aí [barbudinho] perguntou:

- O que que cê tá caçando?

- Tô caçando uma irmã minha que sumiu tá com um pouco de ano aí e nós num sabe pra onde é que ela tá.

- Eu sei onde ela tá!

- Então vai me mostrar!

Aí [barbudinho] rompeu e chegou lá, disse:

- Vamo almoçar primeiro?

- Rumbora!

Aí ele, ele botou feijão de chumbo e pão de pedra. O cabra comeu crau crau crau, comeu ligeiro e José não pôde comer.

Aí chamou ele pra lutar:

- Aí nós luta e depois vai lá!

Ele rompeu. Chegou lá ele pegava José e jogava em riba daquela ferraria, ele ia... até matou ele.

Levou até Ana.

- Aqui o seu irmão. Ocê não tava chorando mode seu irmão? Cê disse que num viu ele mais. Olha ai! Que jeito cê dá?

Aí a mãe era chorando... Eles foi, ela... Nada de voltar ninguém... Aí um dia o João disse:

- Eu vou caçar eles, minha mãe.
- Ocê vai, um já foi e num veio! Você vai, com pouco num vem!
- Não, eu ranjo eles.

E pegou a batida. Foi, foi, deu sorte de passar lá nesse ponto. Ele ouviu a gaitadinha lá. Chegou lá, era esse barbudinho.

- O que que tá procurando?
- Tô procurando dois irimão meu, uma muié e um homi. Um saiu pra caçar outro e nunca apareceu lá em casa e eu vim ver se eu procuro eles.

Aí ele disse:

- Eu sei deles!
- Então me leva lá.
- Levo. Vamo aqui almoçar primeiro e depois nós vamos lá.

Aí pegaram, botou feijão de chumbo, pão de pedra, ele comeu ligeiro, e João num podia comer, né? Aí cabô foi luitá, lá no quarto lá. Pegou ele, jogou na ferraria, derrubou daqui, derruba lá... até machucou e matou.

- Aqui, ó! Seu irmão João! Cê não tava chorando? Tá todos dois aí agora. O que que ocê faz?

Ela chorando, quietou. A mãe chorou, chorou, até quietou.

Aí lá um belo dia ela ganhou gravidez, muito tempo, um tempão. Aí nasceu um minino. Aí ele era um minino homi, Pôs o nome de Rola Rola. Ele foi, ela criou ele, criou ele.

Quando ele panhou garotim, ficou encabulado. Ia numa casa, os outro tinha irmão pra brincar e ele não tinha. Aí um dia ele calculou:

- Minha mãe, por que os outro tudo tem irmão pra brincar e eu não tenho?
- Você tinha meu fí, tinha irmã Ana, João e José. A Ana sumiu, José foi atrás e

num voltou. O João foi atrás e num voltou.

- Então era assim, era? Eu tinha e eles num voltou mais?
- Não.
- Ê... Os outro tudo tem irimão pra brincar e eu não tenho. Minha mãe, eu vou atrás deles!
- Ah cê num vai não, os outros já foi e num veio!
- Não! Eu vou.

Aí foi no ferreiro, mandou o ferreiro fazer uma bengala de aço pra ele. Aí o ferreiro fez a bengala de aço e de ferro, e deu ele. Ele jogou ela pra riba e quando ela tava pra pegar no chão, ele enfiou o dedo debaixo, ela torou, quebrou. Ele foi lá:

- Não, essa aqui não presta não. Eu quero uma de aço puro.
- Aí ele fez. Ele jogou ela pra riba e quando ela tava pra pegar no chão, ele enfiou o dedo debaixo, ela entrou no chão mas num quebrou.
- Essa daqui me serve!

Aí despediu da mãe, a mãe ficou chorando. Despediu da mãe e foi no pé dos irmão. Foi, foi, foi, andou, andou. Aí um dia chegou lá nesse lugar de novo.

Ele eía passando e ouviu a gaitadinha lá. Aí ele rompeu, chegou lá. É esse barbudinho:

- O que cê tá caçando?
- Tô caçando três irmão meu que saiu e nunca voltou, minha mãe tá lá chorando mode eles.
- Eu sei onde é que eles tá!
- Intão me leva lá!
- Vamo almoçar primeiro?
- Vamo.

Aí rompeu. Chegou lá botou o feijão de chumbo e o pão de pedra. O Rola-Rola comeu mais que ele. É... comeu mais de que ele!

- Vamo lutar?
- Vamo.

Entrou lá pra dentro do quarto na ferraria, eles trançaram na luta. Pê, pê! Jogava daqui, joga daculá, espancou ele tudo, ele [barbudin] conheceu que num guentou, deu parte de que morreu!

É. Aí largou ele pra lá e saiu. Foi pr'outa porta, chega lá a Ana lá presa numa corrente e os menino aí morto. Aí ela contou ele a situação.

- Pois é eles chegou aqui, tá tudo morto. Tá aqui comigo preso aqui, ó!
- Pois eu sou seu irmão, depois que vocês saíram logo que eu nasci eu vim atrás d'ocês. Minha mãe tá lá chorando.
- Como é que faz?

Ela disse:

- Aqui vem um passarinho, ele canta... E ali tem uma água, se pegar daquela água e pingar nos ói deles, ês veve. Aí ele rompeu, pegou da água e pingou nos ói deles e eles viveu.

Aí botaram eles na estrada, tiraram as correntes, e foram pra estrada. Ele muito alegre e tal, e eles ficou assim, um óiava pro outro, não tinha muita satisfação não!

Aí chegou:

- Ô minha mãe, ó os meus irmãos aqui!
- E a véia ficou alegre demais, ficou alegre!
- Meus fí!

E ele ia caçar jeito de brincar qu'es e eles, não! Ele foi encabulando, encabulando... Aí ele desconfiou, deu fé que eles num queria ele. Aí ele encabulou:

- Minha mãe, eu vou me embora!
- Ô meu fío, não vá não!
- Não, meus irmão não quer eu, uai! O que é que eu fico fazendo aqui? Eu vou embora.

Aí ele despediu dela e sumiu no mundo. Aí lá foi, foi, foi! Ele pegava trem nessa bengala, matava e comia e évai andando. Lá adiente ele encontrou um butelo dum homi que era um monstro de homi!

- Êi, quem é o senhor?
- Eu chamo Tecedor! Eu boto linha, boto linha, até vai no fim do buraco e tiro quem é que tá lá dentro!
- Intão vamo andar junto?
- Vamo!
- E o Rola Rola, matando e comendo e ele, nada! Matando e comendo e ele, nada!

Lá adiente topou cum otro butelo!

- Como é que ocê chama?
- Ranca serra! Se um trem entra aí numa gruta de serra aí, eu derrubo serra de

um lado e de outro, até vai o fim e eu tiro ele e nós come.

- Vamo andar junto! Vamo os três andar junto!

E ele, Rola-Rola, matando e comendo e nada. Inté que eles chegou lá onde tava esse homem [o barbudin]. Aí eles pegaram ele, achou que ele tava morto, e Rola Rola pegou ele de novo! Aí, ele machucou ele, machucou! Aí derrubou um pauzão grosso, rachou assim, bateu cunha. Enfiou a barba dele e tirou a cunha, prendeu ele aí!

- Vambora! ele agora não sai!

Aí saiu. Foi, foi e quando chegou de volta, tava o buraco no toco! Ele tinha arrancado e tinha ido embora.

E aí eles desceu. Eles pegaram a batida dele, pegou, e lá adiante entrou num buraco.

- Agora é ocê, Ranca Serra!

Ranca Serra bateu peito, tome terra daqui, tome terra... e buraco é vai, buraco é vai, e nada de acertar! Aí ele num deu conta.

- Aí agora é ocê, tecedor!

Ele arrumou linha, arrumou linha, arrumou linha, aí desceu a linha. O Rola-Rola desceu na linha. Desceu, desceu.

- A hora que dá lá eu dou sinal!

Quando deu lá, ele deu sinal e disse que tinha chegado. Quando chegou lá, o bicho era rico, tinha uma riqueza monstra lá dentro. Tinha três moça lá presa, que ele levou. Aí elas cramou pra ele, tudo, tudo, tudo...

Ele pegou ele [barbudin], cabô de matar, e aí foi botar os trem pra fora. Aí botou as três moça e ele marcou a dele:

- Essa aqui é minha, vai ser minha esposa. E essa é de fulano, e essa é de fulano. Deu sinal, eles puxou. Aí botava outra coisa que tinha, dava sinal. Aí o derradeiro foi ele. Aí quando ele pegou na linha pra sair, elas falou:

- Agora só tem ele. E eles cortaram a linha. Desceu, caiu.

Nunca mais! Perdeu a esperança! Nada de sair, nada de sair, nada de sair. E é vai, e é vai, e ele lá.

Ah o rio lá era grande, tinha um bocado de peixe. Aí tinha um passarão, aí ele, o pássaro, falou pra ele:

- Se ocê me dá peixe pra mim comer, que eu engordar, que eu tiver sustança,

nós vai lá fora!

E vai, vai, Rola-Rola pescava peixe e ele comendo, comendo, comendo e o bicho renovou, e foi criando força!

- Agora cê pesca pra mim comer e eu vou juntar pra nós fazer a viagem.

E foi pescando e juntando e dando ele pra comer, até que tava o sacão de peixe.

- Agora dá pra nós ir.

Rola-Rola entrou debaixo da asa dele com o saco de peixe e rumou no buraco cabeça arriba. E os homi cá fora já tinha separado a moça que ele disse que era pra ser esposa dele, eles botou como empregada dêz dois. E aí ele... Ele foi, foi, foi, foi o pássaro.

O Rola Rola disse assim:

- Peixe sobra!

Ele sem girar o bico pra pegar peixe.

- Lá vai! Peixe sobra!

Foi, foi, foi, foi, virou o bico, ele pegou um peixe. Évai, évai, évai, ele... ele dava. E aí foi miudando. Ele dando peixe, dando peixe, dando peixe. Aí deu o derradeiro.

Eles ia lá, enxergava a claridade pra sair fora e voltava. O bicho enfraqueou e ia, ia pra sair fora e tornava a voltar! Aí ele viu que eles caía mesmo, ele enfiou a faca na bateta da perna, tirou um pedaço de carne. No que ele virou o bico entrou no bico dele. Ele engoliu e saiu. Aí ele:

- Moço, mas que peixe gostoso aquele derradeiro que cê me deu!

- Aqui ó!

- Foi daí?

- Foi.

Aí vomitou ele, botou lá no lugar, passou o bico e sarou. Aí despediu de um a outro, Um foi prum rumo, outro por outro. Rola Rola saiu caçano os home. Eu ranjo eles! É vai, é vai, é vai, é vai, cum pouco chegou numa fazenda, tinha uns cabra pastorando uns bode.

- Hei, de quem é isso aqui?

- Isso aqui é do senhor Tecedor, um home muito rico e valente. Um cabra que nem ocê num pode ir lá na fazenda dele não. Se for, ele manda matar.

- Não, num vou não.

Ele desviou, foi procurar o outro. Foi, foi, foi, foi... Lá adiante tinha uns pastorando

umas ovelha. Aí, ele procurou:

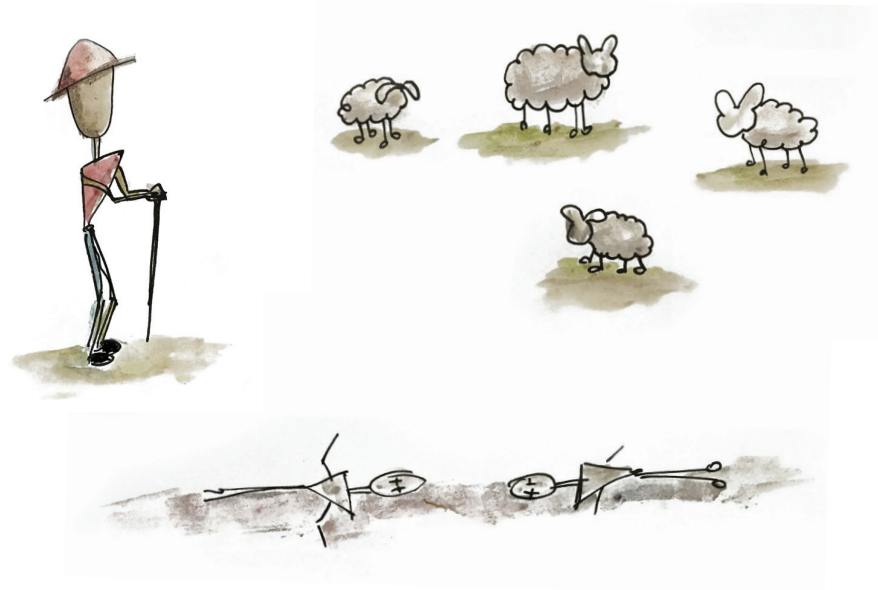
- De quem é essa fazenda aqui?
- É do Ranca Serra, é um home muito valente. Não vai lá não, se for ele mata ocê.
- Não, num vou lá não.

Aí ele caçou o povo até que chegou. Chegou! No que eles viu ele, estatalou!

- Pois é meu caba, hoje nós vamo acertar as alças, viu? O que é que eu fiz c'ocês pr'ocês fazer isso comigo?

Aí montou a bengala nesse cabra, matou. Matou, o outro, tomou conta das fazenda. Ficou rico. Agora, as muié, que era patroa da outra, ele botou as duas pra ser empregada da dele.

É... Aí cabô a história.



HISTÓRIA DO REI E DE CAMÕES

Kita de Souza Ribeiro – Riachão, Monte Alegre



Um homem chamava Rei e era aqueles barão que tinha dinheiro e o Camões era pessoa nalfabreto que não sabia ler. Duzentos ano passado, né?

Então Rei falou pra Camões que se ele fosse fazê uma conta pra ele de 190 e 100 durante um ano, que daria a ele a filha dele em mão de casamento.

E o Camões falou que aceitava e saiu. E com um ano, o Camões foi voltando pra casa do Rei. A casa era bunita, tudo cercada de pasto, arame liso, tudo roçadim.

Quando Camões vinha voltando e contando a conta de 190 e 100, Rei falou pra filha dele:

- Ô minina! O Camões já vem lá na estrada e acho que ele vem com a cabeça baixa concentrada e fazendo a conta de 190 e 100. Ocê vai no final do pátio, na retona de arame liso, ocê vai lá correno, rapidim, tira a roupa e deita no meio da istrada, e abre as perna, pra ele desconcentrá! E mesmo assim a minina fez.

Foi pra istrada, tirou a roupa, e deitou no meio da istrada, mode ele vim de lá e errá a conta.

Ele vinha contando: 190 e 100... Quando ele chegou perto e avistou ela:

Tá bêsta nego preto,
Boca de Uruçu Belém!
Cê quer fazer de eu errar
Minha conta de 190 e 100?

E ele contando. 190 e 100, 190 e 100, 190 e 100, inté chegou na casa do Rei.

Chegou na casa do Rei, a minina levantou, vistiu a roupa e veio:

- Ô pai, Camões não desconcentrou não.

E o Rei falou:

- E aí Camões, quanto que deu a conta 190 e 100?¹⁰
- Moço, num tem jeito não!

- Cê vai casar mesmo!

Era daqueles povo de antigamente que acertava o casamento que a filha não quiria. A moça sem vontade mas com o gosto do pai mais a mãe, casava. Rei falou: Agora nós vai fazer uma com ele.

- Camões, pra mim dar a minha filha em casamento, você vai chegar aqui amanhã, nem vestido nem pelado, nem a pé e nem muntado.
- Então é pra chegá desse jeito?
- Desse jeito, Rei confirmou.

E Camões foi embora. Dormiu de noite imaginando como é que ele ia chegar lá “nem vestido nem pelado, nem a pé e nem muntado”.

No outro dia ele levantou cedo e arranjou uma tisoura, cortou o fundo da coeca todin, vistiu a coeca. Arranjou uma tarrafa, cortou a boca da tarrafa em cima, no cordão, vistiu no pescoço. Pegou um poico, muntou, botou um pé em cima, botou um quarto em cima das costas do poico e ficou com uma no chão e segurou na oreia do poico. Aí chegou na casa do Rei.

Chegou no terreiro: Bom dia seu Rei!

- Bom dia Camões! Uai Camões, que armadilha é essa que ocê chegou aqui?
- O senhor disse que não era pra mim chegar aqui “nem vestido nem pelado, nem a pé e nem muntado” e eu cheguei desse jeito.
- Ai! Num tem jeito não!

E foi o jeito dele pegar e dar a mão da moça em casamento.

Nesse dia fez a festa! Fez um churrascão e eu fui lá esse dia, tomei cerveja lá junto com êles. Eu evinha trazeno uma garrafa de cerveja pra Walmir e um litro de pinga pra senhora.

Quando chegou alí, tinha dois careca que me ataiô e eu peguei a garrafa de pinga e tá!, bati na cabeça dele. Pelô!

O Elpídio ali marido da Dominga ali também é careco. Careco de rudia. Pelejou pra tomar a garrafa de cerveja de mim. E aqui memo eu peguei a garrafa de cerveja e tá!, na cabeça dele e ficou tudo pelado! Entrou no pé do pinto e saiu no pé do pato. O Rei mandou que ocês contasse uma ou intão vinte e quatro!

O REI MAIS CAMONGE

Calisto de Sousa Santos - Vão de Almas, Cavalcante



Vou contá a história do Rei mais Camonge. Sempre o Rei era rico e Camonge era pobre. Aí o Rei falou pra Camonge:

- Camonge eu tenho um sirviço pra você fazê!

E tinha uma égua que tinha sumido há 35 ano! E nunca tinha arranjado a égua e o Rei quiria que Camonge desse conta dessa égua, e com pena de morte!

Camonge ficou assuntano que num ia dá conta, mas com pena de morte, tinha que dá conta! Ele pegou o cabresto, Rei deu a ele uma matula e ele rasgou mundo, rasgou mundo, rasgou mundo, e nada dessa égua!

Aí ele voltou.

- Ranjou?
- Não!

O Rei tinha um lugar na beira do rio que ele ia, pra ficá lá mais a muié à vontade, eles sózinho, né? E no dia seguinte na ação de ele ir pro mato caçá a égua, Camonge foi pra lá e escondeu.

Tá lá, chegou lá e a muié diz que pôs umas fruta, e trepou no pau e Rei ficou de cá debaixo e falou:

- Ô muié! Eu vi o mundo todo!

E ele pulou de lá!

- Mas cê num viu a égua, Rei?
- Mas o que que tá fazeno aqui, Camonge?
- Mas ocê que viu o mundo tudo e num ranjou a égua, e eu que num vi nada, como é que eu vou arranjar essa égua?

O Rei tornou a falar que tinha um serviço.

- Camonge, eu tenho um serviço pro cê fazê! Tem que ir pá roça roçar a mandioca todinha e ocê só vai voltar quando essa cachorrinha vim!

E aí deu ele um'a cachorrinha. Mas a cachorra chegava lá, ficava só de moita em moita e só vinha de tarde.

E ele foi. Chegou lá, comeu alguma coisinha e roçou a mandioca, o mato, e meteu a foice na mandioca e roçou tudo! Quando ele terminou de roçar, a cachorra num quiria vim. E ele, peia na cachorra! Impolou ela tudo de peia.

Cachorrinha pegou a estrada e ele jogou a foice na cacunda e foi.

- Uai Camonge, cê já veio?
- Já uai, cê num disse que era pra vim na hora que a cachorra vim? A cachorra veio e eu vim.
- Uai, e o que que ela tem que tá tudo impolada?
- Uai, mas tamém eu num sei. Que ela só levantava de uma moita e saía na ôtra, é marimbondo!

Rei pensou:

- Tá danado. Camonge num tem jeito pra mim pegar ele não...
- Camonge, eu vou viajar, viajar mais a muié e quero deixar ocê aqui. E eu quero chegar e quero que ocê tira duzentas tora de madeira sem imbigô pra mim, e carrega no carro. Quero chegar e topar esse carro em um quarto. Quero qu'ocê põe boi cum carro e tudo, aqui den'desse quarto.
- Tá bom!

Ficou aí e foi lá. E o que que é a madeira? Botou o machado na cacunda e óia prum lado, pro outro, e nada! Cadê essa madeira sem imbigô?

Ele lembrou da bananeira. Foi lá na banana e meteu o machado na banana, tirou as duzentas tora de madeira, botou no carro de boi, carregou tudo, muntuou lá e foi ver a disposição pra botar o carro dentro do quarto, né?

Aí ele vai de um jeito num dá certo. Mas cumo é que eu faço? Cumo é que eu vou meter esse carro cum esses boi tudo aqui dentro?

Meteu o machado no carro, desmantelou tudo e meteu o machado no boi, matou, picou tudo, botou lá dentro e trancou a porta.

E o Rei chegou.

- E aí Camonge?
- Fiz o que cê mandou. Aí ó, a madeira sem imbigô tá aqui.

- Banana?
- É! A única madeira na vida que eu ranjei sem imbigó foi essa aqui.
- E os boi?
- Boi tá aí dentro!

Quando o Rei destranca a porta, os boi tá morto e o carro tudo desmantelado...

- Matou os boi, Camonge?
- Foi a única maneira de eu botar os boi e o carro aí dentro foi matado.
- Mas num vai ter jeito não...

Aí fizeram uma viagem. Ele mais a muié e levou o Camonge. E aí lá o Rei armou uma rede e falou assim:

- Eu vou matar Camonge hoje.

Armou a rede dele de um lado, a de Camonge de outro e armou a da princesa, que era a muié dele, no meio. Pôs por cima d'água. De noite eu corto a corda da rede de Camonge e ele vai cair n'água.

De noite Camonge levantou e pegou a bolsa do Rei, que ele andava com bastante dinheiro, botou dentro da rede dele e desceu e arranjou as cangaia e entrou debaixo das cangaia, que naquele tempo tinha muita mula.

Aí quando foi de manhã cedo, levantou e lá vem a polaqueira batendo. Blam, blam, blam, blam, blam!

Moço! A muié levantou foi cedo! Que ele achou que ele tinha cortado a rede, Camonge tinha caído e bicho tinha comido, né? Só que ele tinha jogado a bolsa de dinheiro dele. Só que ele evém e Camonge meteu o facão no beijo dos cavalo tudo!

- Mas o que que cê fez aí Camonge? Que que é isso que os cavalo tá tudo com os beijo tirado?
- Rindo d'ocê que jogou tudo os dinheiro nos mato. Rependeu?
- Não! Nunca rependi não!

Foi. Tornou a fazer outra viagem. Tornou a botar ele d'um lado e ele do outro e a princesa no meio. E falou assim:

- De noite nós vamo torná a matá ele. Num tem como ele distrocer daqui. Se ele descer a onça come. E se ele ficá aqui em cima eu vou tornar a cortar o cordão da rede.

Aí de noite, Camonge pegou a princesa, botou na rede dele e deitou na rede da princesa. Aí de noite o Rei fala bem baixinho:

- Muié!

E Camonge dentro da rede responde: Oi!

- Vou cortá a corda da rede dele!

E Camonge: É? ãnh!

E cortou e bá!, derrubou a muié e o bicho vai e come a muié.

E ele levantou de manhã cedo e num tinha ninguém na rede, né? E quando chega de lá é Camonge com os cavalo, evém tocando.

- Ô a muié levantou foi cedo e foi buscá os cavalo!

Quando chega de lá e chegou, era Camonge! E ele falou:

- Uá! É ocê Camonge? Que é que teve, cadê a princesa?

- A malvadeza que ocê quiria fazer comigo, cê jogou n'água. E agora? Rependeu? Me dá minha correia de lombo!

O Rei tinha tirado uma correia do lombo [das costas] do irmão dele, da ponta do focinho até o calcanhar!

O Rei disse:

- Ah não... já perdi de tudo, já perdi dinheiro, perdi a muié, arripindi!

E meteu a faca no peito.

Entrou no pé do pinto e saiu no pé do pato. O rei mandou dizer que contasse ao menos quatro!



CAMONGE FOI DESLEITIÁ O BOI

Dainda, Natalina dos Santos Rosa – Vão de Almas, Cavalcante

Também tem uma história de Camonge e o Rei. Porque tudo tinha que Camonje fazê! Aí um dia o Rei falou assim:

- Camonje, eu vou mandar fechar três boi e amanhã o povo da cidade tudo vem aqui pa tomar leite.

Aí fechou os três boi de manhãzinha cedo e chamou o povo da cidade. O Rei que mandou chamar.

Aí sentou tudo lá. Sentado lá em cima do currale, esperar Camonje chegar pa tirar o leite do boi pa dá a todo mundo, o povo da cidade.

Aí quando chegou lá, o rei tá sentado e o pessoale. Aí Camonje chegou na carreira. Já tava atrasado. Correu.

- Ah Camonje! ocê atrasou demais. Isso é hora d'ocê desleitiá o boi?

E ele falou:

- Oh! Eu vou falá procê, num foi nada bom. Eu também era pra chegar aqui cedo, mas o quê que aconteceu? Meu pai deu à luz a criança essa noite. Aí eu tive que arrumar tudo pra chegar aqui mais cedo, mas num deu. Aí eu fui esperar meu pai arrumar, que meu pai ganhou nenên, e aí eu custei. Por isso que eu custei!

Aí o rei respondeu:

- Camonje, mas que dia que ocê já viu homi parir Camonje?

Ele falou assim:

- Ah! É isso Rei que eu tomém pensei. Cumé que cê quiria que eu tirasse leite de boi?

Aí o Rei, todo mundo apoiô embaixo.

- Ah! então num vai tê o leite?

- Não, num vai tê.

Daí o rei falou:

- É Camonje, mas eu vou pegar ocê de outra forma.

Aí ele falou:

- Tá bom, tá bom, pode pegar.

E aí Rei falou: Ah! já sei quê que eu vou fazer pá pegar Camonje agora. Eu vou falar com ele. Ele vai, vai chegar aqui, nós vai perguntar pra ele.

Tinha um ano que Camonje tinha passado na porta da casa de uma muié e ele, o Rei, chamou a muié pra lá. Aí foi, a mulher perguntou a Camonje:

- Camonje, o que é o bom da galinha?

Aí Camonje passou, falou:

- É o ovo.

Aí passou um ano.

- Traz a muié. Traz a muié pra aqui, que chega aqui ela amanhã é pá perguntar Camonje. Cum quê?

E aí chegou. Camonje foi entrando, quando Camonje foi entrando já viu a muié. A muié perguntou assim:

- Cum quê Camonje?

Ele respondeu:

- Cum sal e pimenta.

A reposta de um ano Camonje deu no outro ano, e respondeu a reposta do ovo. O que é o bom da galinha. É o ovo. No outro ano o rei mandou chamar. Cum quê. Com sal e pimenta. Aí o rei perguntou a muié:

- Deu certo?
- Deu. Cê perdeu. Vai buscar, vai entregar a fazenda pra Camonje.

Entrou no pé do pinto, saiu no pé do pato, o rei mandou dizer que me contasse quatro.

CUNDUNGUEIRO • CD FAIXA 4

Brada, Brasilina dos Santos Rosa - Tinguizal, Monte Alegre



Uma moça tinha um irmão que se chamava Cundungueiro e ela apareceu grávida. E falou pro Cundungueiro.

- Ô Cundungueiro, eu tô gestante...

E ele disse:

- ÔÔÔ! Vou contá pra meu pai!

E ela pediu ele:

- Ô Cundungueiro, num conta isso pra meu pai não!

E ele:

- Vô contá, vô contá!

E ela caminhou nele, abraçou ele e falou:

Cundungueiro, Cundungueiro,
Num conta isso pá meu pai
Eu te levo na fonte
Pra te dar um abraço

Eu num quero seu cabelo
Eu num quero pintiá
Vou conta pra senhor rei,
Muito mais eu vou ganhá

Eu num quero ir na fonte
Que eu num quero seu abraço
Vou conta pra senhor rei,
Muito mais eu vou ganhá

Cundungueiro, Cundungueiro,
Num conta isso pá meu pai (bis)
Que eu te dou meu cavalo
Pra você passiá

Cundungueiro, Cundungueiro,
Num conta isso pá meu pai
Que eu te dou meu cabelo
Pra você pintiá

Eu num quero seu cavalo
Que eu num quero passiá
Vou conta pra senhor rei,
Muito mais eu vou ganhá

Aí ele rompeu, chegou lá disse que tava o rei, a muié lá sentada e ele foi e disse:

Dá licença senhor
Dá licença senhora

Dona Branca num tem nada
Dona Branca está pesada

Aí o pai dele respondeu pra ele:

Se contasse de segredo
Num mandava fazê nada
(bis)
Cê contou no meio de gente
Sua vida eu mando tirá.

E ela escutô, Ela tava lá junto e escutô:

Que qui ganhou Cundungueiro
Muntcho mais ocê ganhava
(bis)

E ele:

Eu ganhei a morte hoje
Minha vida mandou tirar

Eles matô ele e pegou ela e juntou um bocado de lenha pra matá ela no fogo.
Aí foi, levô ela. E ela disse:

Eu num me importo que me queima
Nem que torna requeimá
(bis)



Eu só sinto é minha criança
Que morre sem batizá
(bis)

E o prince que era quem emprenhou ela, já tava aí ao redor muntado num'a mulona.
Aí diz que chegou e pediu licença:

Me dá licença senhor,
Me dá licença senhora
(bis)

Essa moça qui évai
Ela évai sem cunfessar
(bis)

E ela pá! [pulou] na garupa dele, e os ôtro atrais!

ÊÊÔÔ! Vamo pegá! E a burra, [deu com o] pé!

E ia na frente, a burra, dente! E até onde eles num viu mais!

Pronto cabou!

Ela é começada assim. Hoje tem muito esses caso e esses caso era de antigamente também, né?

Que disse que a minina era muito bonita e o pai andava prisiguino, e aí ela num quis e aí ele pegou ela, botou num paloque pra lá, botou em cima dum pau, e falô com os otros fio dele que num era pra dar nem o cumê pra ela e nem água pra ela. E eles sem saber pru mode o que que era. E foi isso.

Pois é, aí ele pegou essa fia e pôs lá, isolou pra lá e falou com os fio e a muié que não era pra dar nem água e nem comida pra ela. Disse que era pra deixar ela morrer no sofrimento, né? Mas eles não sabia pru mode o que que era, né? Que era isso. Ele quiria usar ela e ela num quis. E ela prifiriu sofrê e eles não sabia pru mode o que que era.

Aí a fia dela ia passano prumêro. É ia passano e ela viu a minina que ia passano e aí foi e falô pra minina:

Ô minha filha!
Me darê um gêro d'água
(bis)

Que a fome num é tanti
E a sede é quem me mata.
(bis)

Ô minha mãezinha
Eu num dou a senhora água
Vovô disse quem dá água pra Fortina
É pra morrer adegolado

Aí évai a mãe dela e ela virou:

Ô minha mãe
Me darê um gêro d'água
Que a fome num é tanti
Mas a sede é quem me mata.

Ô minha fia
Eu num dô're você água
Seu pai disse quem dá água pra Fortina
É pra morrer adegolado

Ô meu irmãozinho
Me darê um gêro d'água
Que a fome num é tanti
Mas a sede é quem me mata.

Ô meu irmão
Me darê um gêro d'água
Que a fome num é tanti
Mas a sede é quem me mata

Ô meu paizinho
Me darê um gêro d'água
Que a fome num é tanti
Mas a sede é quem me mata

Ô minha fia
Eu num dô' água procê
Se ocê tivesse me aceitado
Ocê tava tendo de tudo

Disse que revirou de lá de riba e bêp... caiu, morreu!
Tava só isperano o pai passar pra pidi a água... Pai bom, né?
Ô, um pai desse...



BRANCA DE NEVE • CD FAIXA 6

História recriada e narrada por Letícia com 4 anos - Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante.



Era uma vez a Branca de Neve andô, andô, andô, andô e viu uma casa véia, e ninguém nunca num viu ela.

Daí ela começou a andá muito e andô inté ficou perdida.

Aí, cê sabe aquesa bruxa? A bruxa deu a maçã vesenosa. Ela mordeu a maçã e a maçã vesenosa foi pra guela dela. Eu já vi esse DVD aqui!

E aí os anões levou ela pro negócio, cortô o corpo dela, tirou a maçã vesenosa, negoçou de novo. Aí ela acordou assustada, botou um vestido de casamento e aqueles negocin de casamento e aquela fulô.

Porque ela quiria casá porque ela gosta de bebê!

CHAPEUZINHO VERMELHO • CD FAIXA 7

História recriada e narrada por Letícia com 4 anos.

O Chapeuzinho vermei andô, andô, andô, andô. Com pouco o Lobo viu ela e ela comeu o Lobo.

Aí os fiotinho pensou que era a mãe deles e aí, ela falou assim:

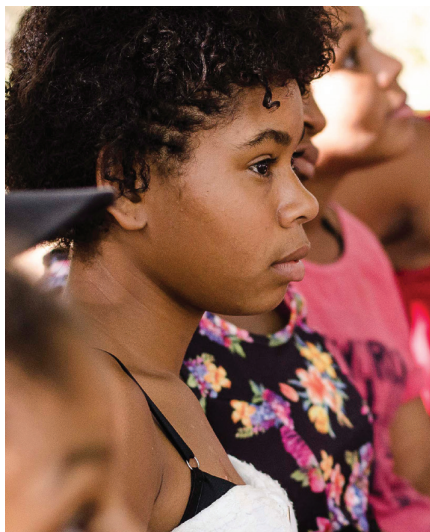
- Vamo lá na casa da minha vó cumê ela?

Aí eles foi lá, comeu a vó. Eles tudo comeu a vó dela e aí acabou a história. pronto!

Já gravou?

O HOMEM AMOROSO, O CEGO E A COBRA

Clarisse Amoreira Pereira Lopes, 15 anos – Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante



Era uma vez um Homem amoroso. Um dia ele ia passando pelo cerrado e encontrou um Cego lá num buraco onde tinha uma Cobra que tava querendo morder ele.

O homem foi lá e tirou o Cego do buraco e levou pra casa dele.

Quando chegou na casa dele, não tinha nem quase o que comer. O que havia sobrando era um boi e o boi num era dele, era do Rei.

O Homem ficou com muita pena daquele cego e matou o boi do Rei e aí falou pro cego que num era pra contar pro Rei não.

O Cego depois desse dia, disse que só sossegava se isse na casa do Rei.

E o Homem falou:

- Já que você quer ir, vai!

Aí o Cego pegou e foi e quando chegou lá, contou tudinho pro Rei.

Uma semana depois, o homem viu que o Cego tava demorando e foi atrás dele. Quando chegou lá, soube que o Cego tinha falado tudinho pro Rei. E o Rei falou que no outro dia umas doze horas, ele isse lá, que ele ia pra força.

O Homem voltou pra casa pensativo e dormiu a noite e no outro dia, ele eia.

Aí aquela Cobra que tava lá no buraco mais o Cego, topou ele na estrada e perguntou pra onde é que ele eia tão triste assim. Ele falou que ia lá pra casa do Rei que tinha pegado o Cego e o Cego tinha denunciado ele.

A Cobra falou pra ele que aquele Cego que tava lá dentro do buraco, ela que queria matar. Aquele Cego era mais ruim do que ela.

E falou pra ele que quando chegasse lá, a mulhé do Rei num assistia o enforcamento não, e quando a mulhé fosse saindo, ela ia picar ela. E se perguntasse um remédio,

ele falava que o remédio era o miolo do Cego.

Aí ele pegou e foi e foi combinado.

Quando chegou lá, a Cobra rodiu lá e a muié ia saindo e o ceguinho tava todo alegre lá que o outro ia morrer.

Aí a mulhé ia saindo, a Cobra pegou e picou ela.

Aí o Rei perguntou do remédio e o Homem falou que num ia falar não, porque a mulhé ia viver e o outro ia morrer.

E o Rei falou que se ele falasse, num ia matar ele não. Aí ele pegou e falou:

- O remédio tá aí bem dentro de sua casa.
- O que é?
- O remédio é o miolo do Cego.

O Cego escutou ele dizendo aquilo e disse:

- Pra onde eu vou, meu Deus? Pra onde eu vou?

E o Homem disse:

- Ocê vai já!

Pegou a mão de pilão, meteu na cabeça dele e ele morreu.



CAMONJE E AS FIA DO REI

Maria Pereira Fernandes – Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante



Diz que o Rei tinha três fia e Camonje tinha vontade de casar com uma das fia do Rei. E vivia falando:

- Meu Deus, como que eu faço pra me encontrar com uma fia desse Rei?

E o Camonje tinha um irmão e ele falou assim:

- Nada! Cê casa. Cê num é trabaiaador?
- Sou!
- Então vai trabaiaar pro rei, e aí ocê casa com uma das fia do Rei.
- E como é que eu faço?
- Cê vai com a enxada descunhada, só memo

- Pregada, e chegar lá ocê trabaia, trabaia com essa enxada descunhada. Quando der na hora delas ir socar, aí vai as três fia. Aí ocê vai e descunha a enxada e aí ocê fala assim: Tia! O Rei mandou pra senhora mandar uma enxada.

Aí ela precurou:

- Qual é desa?
- Calqué um'a!
- Ah intão cê panha lá.

Ele panhou uma das fia do Rei e foi embora. E quando Rei chegou, uai! Cadê minhas fia?

- Uá, cê num mandou eu intregá pro Camonje? Eu fui e intreguei! Aí ficou duas.

O que que o Rei fez?

- Moço! Se eu pudesse inté corria atrás desse Camonje, mas eu num acho ele...

Aí foi imbora o Camonje com a filha do Rei!

Maria Pereira Fernandes comenta: Se ele num trabaiasse ele num tinha arranjado as fia porque ele num ia trabaiaá pro Rei. Mas como ele trabaiaava, ele foi, pegou uma das fia do Rei. Hoje o Camonge é casado com a fia do Rei!

HISTÓRIAS COM BICHOS







Uma mulher era rica e tinha um boi que chamava Boi Azeitão. E o boi era incantado, mas a tropa dela também era incantada.

Inquanto os animal güentou, eles trazia o boi no curral, aí os animal ganhou forria, os vaquêro ia e ele inganava os vaquêro e num vinha, né?

Aí um dia saiu um minino lá e falô: Dona Antonha, se a senhora me pagar e eu vou pegar o Boi Azeitão.

Ela disse:

- Ah! Ele num atende de trazer não...
- Eu vô! Pode me pagar que eu vou.
- Menino, larga isso pra lá, que ocê num dá conta!
- Dô Dona Antonha!

Ele insistiu e ela falô:

- Intão vai no pasto e pega um animal lá!

Ele foi e pegou um cavalin marelo, magriiiiiim, véi. Que ele chegou, ela disse:

- Já vi que o boi vem, porque muntado nesse cavalo? Cavalo que num guenta nem xotar mais?

Ele disse:

- Pois nesse, hoje ele vem aqui

Aí ele foi, arriou o cavalo, botou a cela com a cabeça pra trás, muntou ca cara pá trás, e pegou o ferrão com a ponta pra trás e rompeu.

Quando vinha um vento, o cavalo rodava.

Aí quando ele chegou lá no mato, achou o boi. O boi viu ele, levantou, espreguiçou, tudo. tudo e ele pensou: Vou botar um verso pra ele prele num agravar e ir.

Aí ele falou assim:

Quando eu vim da minha terra
Tocando meu berimbau
Tanti boi bonito e grande
Eu tenho levado no curral.
Ôrerê boião



O boi pra agravar ele, falou:

Quando eu vim da minha terra
Na guia de um boiadeiro
Carne de boi Azeitão
Não foi feita pra vaqueiro.
Ôrerê boião

O menino respondeu:

Eu sou um menino novo
Nunca fui no estudo
Adiante de minha vista
Vejo um bezerrim pançudo
Ôrerê boião

Aí, galho de pau tava quebrando, o cavalo com o queixo na anca do boi.

Aí o boi respondeu:

Corre corre mininim,
E também o marilin
Demora de eu te lograr
E eu chegar ni meus camin
Ôrerê boião

O menino respondeu:

Corre corre Azeitão
Évai correndo de mangação
Daqui lá pro sol entrar
Mas eu lhe entrego no cambão.
Ôrerê boião

Aí o boi desapareceu, o cavalo, e o menino ficou em riba da terra...
Lá adiente levantou um tufo de terra e o boi saiu, o cavalo saiu e o menino muntô
e falou assim:

Naquela serra redonda
Onde boi Azeitão passou
Deu três meses de inverno
E nem o rastro apagou.
Ôrerê boião



O boi respondeu:

Desapia mininim
Vem fechar tua porteira
Você qu'inda tá muntado
E ni sua marcha den'da cegueira
Ôrerê boião...

Dona Antonha quandi viu
Boi Azeitão no curral
De alegre que ficou
Mas e chega de apular
Ôrerê boião

E a Nega de dona Antonha
Saiu fora e falô
Se boi Azeitão for de venda
Três contos de réis eu dô.
Ôrerê boião...

Já mandei fazer um laço
Nem que custa um tostão
E o couro do Azeitão
É pra bater no meu surrão
Ôrerê boião

A CUÊIA, SEUS TRÊS FILHOS E A ONÇA

Dainda, Natalina dos Santos Rosa – Vão de Almas, Cavalcante

Aí diz que uma Cuêia tinha três fiinho. E aí...e ela tava qu'eles lá dentro da loca, dentro duma toca. E a Onça falou:

- Gente, eu vou cumê os fiinho da Cuêia.

Aí tá bom. Aí ela disse:

- Cumé que eu faço? Mas eu já sei. Eu entro lá fácil. Eu vou daqui pra lá, devagazinho na casa dela. Quando eu chegar lá, eu vou chamar. Se ela responder, ela vai responder, e eu vou pegar ela.

Quando chegou lá, numa praia, tinha uma praia né? Aí Onça entrou na areia e pôs os dente de fora. Aí a Cuêia évem de lá pra cá. Ela tá lá pra pegar ela, aí e a Cuêia falou:

- Minha cama, ô minha cama!

- Tô aqui!

- Ichi! Não! Minha cama respondeu... Não, num vou não... Tem algo errado. Correu p'atrás.

Aí a Onça pensou:

- Quê que eu faço, quê que eu faço? Tenho que pegá a Cuêia. Já sei cumé que eu faço: Eu mato ela.

Aí chegou a Cuêia pensou:

- Meu Deus! Hoje ela me pega mesmo.

Aí ela pensou. Tinha uma pedra, enorme pedra, que a pedra ia cair e se caísse o mundo acabava, a Cuêia pensou. Aí ela infiou o lombo na pedra. E aí tá de lá gritando:

- Socorro! Socorro gente! Socorro, o mundo vai acabar, o mundo vai acabar!

A Onça veio pá pegar ela, desceu depressa. E a Cuêia falou:

- Ô sua Onça, por favor, por favor, põe as mão aqui e segura a pedra, enquanto eu vou comprar as escora pra nós escorar que se essa pedra cair, o mundo vai acabar! Num larga não sua Onça, senão nós morre!

E aí a Onça bateu as mão lá na pedra, escorou essa pedra e a Cueinha passou a mão nos fio e se mandou!

E até onti, até onti que eu tive notícia, ainda tá a Onça lá cas mão segurando a pedra e a Cuêia até hoje num voltou mais.

O GATO DO MATO E O LOBO GUARÁ

Laurindo dos Santos Rosa - Tinguizal, Monte Alegre

Tinha uma dum Gato que tava cumeno umas galinhas e [o dono] pelejava pra pegar ele e num pegava... Um dia ele fez um laço pra pegar o Gato. Armou o laço. Aí o Gato vai e cai no laço. Pra armar o laço ele infinca uma vergona e faz uma cerquinha assim de torno e bota o laço aí. Que o Gato pega a isca, lá desarma, suspende e ele ficou triscano o pé no chão. Gato disse:

- Ê diabo, hoje eu morro mermo!

Ele é aí pulano, pulano e é vai passano um Lobo lá! No que ele vê o Lobo, disse:

- Num quero, num quero, num quero não! Num quero, num quero, num quero não! Ô povo dum birra esquisita! Já tô abusado de comer galinha e me bota aqui pra cume galinha...

O Lobo iscutou... Ele lá falano:

- Num quero, num quero, num quero não!

- O que é que ocê num qué, gato?

O Gato:

- Ó aqui moco, tô aqui preso só pra cumê galinha! Já tô que num quero galinha e o home me marrô aqui pra cumê galinha! É daqui a pouco, ele chega aqui com a galinha pra mim e eu num quero!

O Lobo:

- Ô... Me dá essa empreita!

O Gato:

- Antão me dá essa vara aí!

O Lobo puxou a vara, afrouxou as cordas, e chegou o pescoço. E o gato disse:

- Solta aí!

Bup! E o Lobo ficô co's pé no ar.

O Gato:

- Galinha? Galinha... deixa o dono chegar...

Oh! O Lobo véio pulava daqui, pulava d'acolá e nada!

- Ocê vai me pagar! Daqui a pouco lá évém o home!

Aí o gato rompeu e deitou numa moita de capim lá na frente pra ver a pancada no Lobo! O home chegou:

- Ah seu cabra! eu pensei que era o Gato que tava comendo minhas galinha! E era ocê! Pois ocê ranja o seu agora! Tinha uma foiçona nas

costas e meteu a foice no Lobo.

Ô! O Lobo véio pulava e a foice num pegava! Pulava daqui pulava dacolá! E lá a foice pá na corda! Ele já caiu no chão correndo!

Montou de cima do Gato! E o Gato se era de quietar e ele sartá por riba, não! Espirrou na frente e ele enrrabou atrás! Enrabou atrás e pega aqui pega acolá! Pega lá e lá adiante o Gato subiu no pau.

Ele disse:

- Éééé, eu pego ocê memo! Ocê num guenta fumaça, e eu vou acendê uma coivara de fogo aqui! Ocê cai e eu pego!

E ele foi e vinha c'os feixe de lenha e botava ali de junto do gato. E o Gato foi ficano friii...

- Ei... morro mermo.

De repente o Gato:

- Oi? Num sei, num sei, num sei não!

O Lobo:

- Ocê num sabe não já, viu?

E jogava o outro feixe. Se é de botar o fogo logo... não! Ele jogava o feixe de lenha aí e ia quebrar mais.

O Gato:

- Ei? Num sei, num sei, num sei não! Um dois, três, quatro...

O Lobo evinha com feixe de lenha na cacunda, e perguntou:

- O que cê tá veno aí?

- Uns home aculá. É dois home e dois cachorro, cuma ispingardona, me procurano se eu dou noticia dum Guará cum toco de corda no pescoço! E eu falei que eu num vô discubri ninguém!

- Cadê? O Lobo perguntou.

- Ó ele lá! Evém lá!

E o Lobo:

- Senhora nossa!

E rapou aqui no mundo! Desceu de cabeça baixa... E o Gato gritava:

- Desceu pra baixo! E ele virou pra riba.

O Gato:

- Subiu pra riba!

E ele tornou a descer pra baixo. Até sumiu que ele num viu mais!

Aí ele pulou no chão e foi embora.



SI AI SI AIZAGARÊÂÊ! ESSE MUNGANGO NUM É BOM FIAIS • CD FAIXA 9
Procópio dos Santos Rosa – Riachão, Monte Alegre

O Jabuti mais o Cuêi foi pro céu, os dois. O Cuêi anda na carreira e o Jabuti devagarzinho.

O Cuêi curria, curria, curria, e esperava. Aí o Jabuti ficava de cá [e cantava]:

- Si ai, Si ai zagarêê iê iê iê iê. Esse mungango num é bom fiais.

O Cuêi parava e ele passava. E é vai, é vai, é vai, e o Cuêi curria na frente e ia isperá lá na frente e ele ficava devagarzinho e cantava.

- Si ai, Si ai zagarêê iê iê iê iê. Esse mungango num é bom fiais.

O bichinho, o Cuêi, vortava pa trás e ele arcansava. E foi nessa luta. Cuêi rompia na frente e o ôtro divagarzim. E quando Cuêi rompia ele cantava:

- Si ai, Si ai zagarêê iê iê iê iê. Esse mungango num é bom fiais.

E o Cuêi voltava e o Jabuti rompia. E no fim o Jabuti chegou no céu primeiro e o Cuêi chegô por derradeiro!

ONÇA, CASCAVEL, LEÃO, CUÊI E O REI

Calisto de Sousa Santos – Vão de Almas, Cavalcante

Diz que uma vez tinha o Cuêi e o Rei. Aí o rei tinha prometido pro Cuêi um bom dinheiro pra ele roubar uma pedra de diamante que tinha na morada de Onça, Cascavel e Leão. Eles morava junto, três feroz morava junto. E aí que é que o Cuêi fez?

- Dô conta? Dô!

Foi lá, primeiro chegou no Cascavel e pediu o cascavel se num podia, que tava sem ponto, pa morar ali junto com ele. Ele falou:

- Ó, eu dou com uma condição, mas eu num gosto de pisar ni mim.

- Tudo bem.

- Tem que pedi os outro.

Aí foi lá, pediu a Onça.

- Não, eu dou com uma condição, mas eu num gosto que me chama de Onça. Meu nome é Pixota.

- Não, tá bom. Chamava todo mundo de tio e ficava na boa. Aí foi no Leão. Ele falou:

- Ó, tudo bem, por mim pode ficar aqui, mas num gosto que caga ni minha cama.

- Não, tá bom.

O Cuêi também arranjou seu cantinho dele e ficou. Certeza na época era uma furna, uma toca, né? Aí ficou lá.

Aí vai e vem, um sai pra aqui outro sai pra ali, um trabaia pra aqui, outro trabaia pra acolá e pan pan pan.

Lá um dia o Cuêi descobriu onde tava a pedra de diamante, que tava no jeito pra ele pegar, que ele criou acesso com o pessoal... Morava ali né? Aí quê que o Cuêi fez? Estudou... Logo que a Onça gosta que chama ela de Pixota, o Leão num gosta de bosta na cama dele, eu vou estudar. E o Cascavel num gosta que pisa, aí eu vou estudar.

Eu vou pegar bosta de Onça, botar na cama de Leão, eles vai topar, vai pisar no Cascavel, o Cascavel vai morder, eles vai morrer e acaba o Cascavel morre pisado e ele morre. Mesmo assim ele fez.

Chegou foi pesquisando a Onça até onde a Onça cagou, pegou a bosta da Onça, botou na cama de Leão. Que o leão chegou:

-Ôpa! Ah! mas eu num falei pra num cagar ni minha cama?

Aí o Cuêi respondeu:

-Inda bem ti leão que eu sou piquininim. Minha bosta é redondinha, eu sou piquininim... E quetô logo num canto.

-Né ocê não. Foi Onça.

-Onça não, Pixota.

-Onça!

-Onça não, Pixota.

E travaram, nos tapa! E joga um pra aqui, joga pro outro e joga em riba de Cascavel e o Cascavel, grau!

Leão pisa no cascavel e o Cascavel grau! Onça pisa no Cascavel e o Cascavel grau! E aí foi aquele rolo, até! o Cascavel morreu pisado e a Onça mais o Leão tomem caiu pra lá.

Entrô no pé do pinto, saiu no pé do pato, o rei mandou dizer que me contasse ao menos quatro.



VEADO, COELHO, MACACO

Cristiane Soares Rosa, 8 anos - Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante

Era uma vez, um Viado e um Cuêi. E eía.

Com pouco topou com um Sapo. Abraçou, saiu bosta.

Aí meteu o pau no Sapo e saiu. Aí foi pro rio. Aí com pouco viu o Macaco, e eles eía pra festa.

Aí com pouco o Macaco tava dentro da canoa:

- Num sei se eu vou, num sei se eu fico...

Tum! Pau na cabeça do Macaco, o Macaco caiu na água.

HISTÓRIA DA ONÇA MAIS O CUÊI

Valmir Edeltrudes Rodrigues



“Meu nome é Valmir Edeltrudes Rodrigues. Aqui no Riachão eu trabaio na Roça, e atualmente eu trabaio de professor aqui na escola estadual Kalunga II. Sou estudante da UnB¹¹, Licenciatura em Educação do Campo e minha área é Matemática.”

Essa história aprindi com minha bisavó, minha avó. É a história da Onça mais o Cuêi.”

O Cuêi combinou com as moça na festa que ia chegá lá muntado ni Onça. Aí marcou. Aí quando foi no dia da festa, o Cuêi adoeceu de mentira. Aí a Onça chegou lá na toca do Cuêi e falou:

- Ô amigo Cuêi, cê vai na festa? Aí ele falou:
- Não tia Onça, eu num vou não...
- Quê que teve?
- Não, eu tô doente...
- Uai, mas nós dá um jeito!
- Não, amiga Onça, num dá pra mim não!
- Uai, mas se eu arrumá pro cê ir muntado ni mim, tem como cê ir?
- Mais cê num aguenta amiga Onça.

Chegou na hora da festa.

- Bora amigo Cuêi, a Onça tudo já bem arrumada pa ir pá festa: Bora amigo Cuêi!
- Num guento não!
- Não! ce vai muntado ni mim!
- Aí intão tá bão.

Aí arrumou. O Cuêi muntô na Onça. Quando ele amuntou rompeu um pedacinho, ele caiu bêbo!

- Ê amiga Onça, num guento ir não. Acho que eu vou quetá por aqui.
- Não, vamu dá um jeito!

Tornou a montar, rompeu uns dois metro, tornou a cair.

- Ah dona Onça, pra mim ir só se você faz esse negócio.

- O que amigo Cuêi?
- Se você arrumasse aquele negocinho que coloca na boca pra mim firmar...

Que era o freio! Colocou. Aí muntou, petê, petê, petê, petê petê. Tornou a cair e ele bêbo.

- Ê tia Onça, num guento não...
- Que qui teve?
- Não só se a senhora pegasse aquele trenzinho que forra, que a gente munta.

Era a cela. Colocou e muntou. Petê, petê, petê, petê petê ai quando chegou na frente tornou a cair.

- Não, só se colocar aquele negocinho que pisa!

Que era o estrivo, né? Que muntava. Aí muntô. Vai rompendo, petê, petê, petê, petê petê. Na frente ele tornou a cair no chão.

- Ê amiga Onça, num aguento não. Ah só se cê arrumasse aquele negocinho que coloca nos pé pra mim firmá.

Que era as espora. Colocou as espora. Muntou. Petê, petê, petê, petê, petê, petê, petê, petê Tornou a cair no chão.

- Aí, é amiga Onça, pra mim ir só se arrumasse aquele negócio que coloca no braço, que a gente sacode.

Que era o chicote. Colocou o chicote. E évai rompendo. Petê, petê, petê, petê, petê. Quando chegou mais perto da festa ele começou a dar umas esporadas na onça.

- Não amigo Cuêi num faz isso não, tá doendo!
- Não amigona, senão eu num firmo!

E é vai rompendo. Aí quando chegou bem na frente ele começou a dar uma chicotada nela.

- Não amigo Cuêi, desse jeito não. Desse jeito eu vou descer ocê.
- Não, num vou descer mais não!

Desce, num desce, desce, num desce! Aí quando chegou perto, cumo daqui na casa de Seu Lió ali, pá! Enxerga a festa. Pra chegar na festa aí ela falou assim:

- Não, amigo Cuêi aqui agora cê desce.



- Não!

Agora desce, num desce, desce, num desce. E ele muntou! Chegou as espora na Onça, meteu o chicote e essa onça saiu pulando c'ele. Saiu pulando, pulando! Saiu no meio do povo e ele:

- Eh moçada, falei pra vocês que eu ia chegar muntado de Onça. Gostô?

E a Onça saiu pulando qu'ele e ele pulou da Onça no chão e a Onça correu. E ele ficou lá na festa zuando:

- Falei pro cês!

- Ele falou pra namorada que ia chegar muntado de Onça. Ah o povo tudo gritando, tudo aplaudindo ele! Aí a Onça marcou com ele:

- É, eu vou pegar ocê mesmo! Eu pego ocê amanhã na passagem do rio!

Aí a Onça foi e deitou na passagem do rio pá pegar ele. E ele:

- Ô meu Deus, como é que eu vou fazer pra mim passar na passagem. Essa Onça vai me atacar lá!

Aí ele foi lá furou uma abeia e lambuzou todinho de mel. E foi lá e rolou na folha, ficou tudo cheio de folha. Tipo uma capa. Aí ele chegou na beira do rio, quando ia embora da festa, mais que ressonado, chegou na beira do rio e foi beber. Aí ele tá bebendo, aí a Onça tá de lá:

- Ô amigo Foliaça, se num viu o amigo Cuêi por aí não?

- Não!

Aí ele bebeu, subiu o barranco. Quando ele foi subindo o barranco ele gritou lá:

- Ô amiga Onça, eu mês que sou o amigo Cuêi.

- Ô miserável!

E ela saiu correndo atrás dele. Pega aqui, pega aculá, pega aqui, pega aculá e ele entrou no buraco. O Cuêi entrou no buraco e a Onça chegou, colocou a pedra. Aí quando olhou dum lado, tinha um Sapo. Aí:

- Ô amigo Sapo, cê fica aqui eu vou ali arrumar uma cavadeira que é pra mim rancar esse amigo Cuêi aí de dentro. Ele fez uma maldade muito grande comigo.

Aí pegou, deixou o Sapo na beira do buraco, aí o Sapo ficou e a Onça foi. Quando a Onça tinha chegado lá na casa, pá, buscar a cavadeira, o Coelho veio inté na boca do buraco e falou pro Sapo assim:

- Amigo Sapo, disse que cê tem os ói muito arregalado?

- Assim as menina diz..
- Então arregala ele aí pra mim.

Aí o Cuêi pegou um monte de terra e jogou nos zóis do Sapo e o Sapo saiu, limpando daqui, correndo pá lavar no rio. E o Cuêi saiu. Vazou fora. Aí quando a Onça chegou o Sapo já tinha voltado de novo e ficou lá. Tá lá esparrado na boca do buraco, lá batendo queixo. Aí falou assim:

- Tá aí amigo Sapo?
- Tá, tá.
- Cê não saiu daqui não?
- Não, tá aqui!

Aí ele pegou, a Onça cavucô, cavucô, intê chego no final do buraco.

- Ô amigo Sapo, num tá aqui não.
- Tá!
- Moço, chegou no final do buraco e num tá aqui. Cê saiu daqui?
- Saí não.
- Saiu.
- Saí não.
- Saiu.
- Num saí.
- Aí, vou mostrar ocê vou pegar ocê!

Aí pegou o Sapo.

- Vou jogar ocê n'água!
- Não tia Onça, num me joga nágua não! Me joga no fogo, me joga nágua não, me joga no fogo, que eu num sei nadar. Me joga nágua não, me joga no fogo!
- Eu vou jogar ocê é bem n'água.

Aí pegou o Sapo e jogou den'dágua.

- Aqui mesmo é que eu queria!

Pá! Pegou a mão na perna dele e ele falou assim

- Ê, cê pensou que pegou minha perna, cê pegou foi a raiz!

Ela soltou.

- Ah, bem aqui mesmo é que eu queria!

Entrou em pé de pinto, saiu em pé de pato, falá pra vocês contá mais vinte e quatro.



Maria Clara Faria Dos Santos

HISTÓRIAS QUE GENTE VIVE

LEIVOSIAS

Uma conversa entre Laurindo dos Santos Rosa e Dona Procópia dos Santos Rosa sobre as leivosias¹².

Meu povo contava que naquele tempo tinha um cachurrim que saí dali e latia até aculá! Cãim, cãim, na proa da serra! De vez em quando, latia esse cachorro, mas eu já num intindi, num iscuitei mais, né?

E ali, quando tá pra sair do mato, tem um pé de bacupari. Sujeito vinha, e com pouco tinha um em pé! Agora há pouco tempo memo, veio um menino de lá, de mota... Tem um pé de manga, vai saindo do apertado e aí a mota num rodou... Parou! Ele largou a mota lá e saiu na carreira, veio embora... Um muntou na garupa... É. Tinha essa leivosia.

Naquele tempo nós tinha que era gente que morria! Mas diz quem faz a leivosia, é ouro e prata! E é mermo! Onde tem ouro enterrado e prata, faz essas leivosia. Porque naquele tempo que num tinha banco, que o dinheiro num era dinheiro de seda, era bronze, o patacão, eles interrava muito.

Que nem em Cavalcante tem uma serra daquele lado assim, do lado de lá do Lavapé, tem uma mata, uma matinha. Quando é na época do Império¹³, a Rainha vai isconder lá. E na hora de o povão caçá a Rainha, povo mexe o mato tudinho e sempre acerta com a Rainha e evém. Lá um belo dia vai um e... ó!, um tacho lá interrado c'as asa de fora! E tem um esteio de arueira e um fio de arame do esteio na asa do tacho.

Ele vem quebrando ramo de lá pra cá, de lá pra cá, sai fora, chega cá, chama gente e vai, e acerta não! Não acha mais! Isso acontece muitas e muitas vezes, e num sei se já arrancaram ele.

Procópia:

- Naquele tempo mais véio, acho que o povo garimpava muito, Num tinha outra coisa, era o ouro... És garimpava e enterrava. Mas pra tirar esse ouro, quem acertá qu'ele... uns aguentava, outros morria. Aqui mesmo morreu um. Tem que sabê arrancá!

Laurindo:

-Mas e... qu'onde dá, a pessoa vem no sonho, ele mostra o lugar. Num vai não! Passa passa e ele torna a vim no sonho. Já mudou o lugar! Num vai não! Nos três sonho, pode ir. Chega lá, tá lá, mas num ranca ainda não, né? Na hora que ranca tem que cortá o dedo, pingá o sangue lá e acender uma vela, botá lá e uma vara verde. Aí quebra o encanto e vem.

Senhora num sabe disso não? Como ele acerta com ele lá sem sonhá, num adianta! Porque ele nunca deu [o ouro] ele! Tem que dar a ele no sonho premero.

A INTELIGÊNCIA E A LINGUAGEM DO CORPO

Dainda, Natalina dos Santos Rosa e Calisto de Sousa Santos – Vão de Almas, Cavalcante

“Mas a gente fala, comunica pelo oiado, pelo pisado que chega aqui. A gente cumunica um com o ôtro. Então eu acho que essa inteligência é dada por Deus. Porque eu via meus pai oiá pra nós, e com um olhar nós já sabia o que é que tinha que fazê!

Apenas a gente fazer assim: (D. Dainda abre os braços no alto como quem espreguiça). O mais véio, o irmão mais véio tinha que chamar os outros e sair.

Isso quer dizer: espalha daqui! E saía todo mundo!

Se a mãe de nós, entrasse lá dentro de um quarto lá e derrubasse uma coisa, pá!, e não ouvisse ela falar nada, era porque era pra um fio, aquele que tivesse lá, entrasse lá dentro. Era um sinal que tava dando!

Num chama! Dá um sinal lá dentro, que vai. E aí eu penso que os pessoal mais velho tinha muita inteligência! Um batido de uma coisa na roça, rumar uma madeira na outra lá na roça, já sabia! Tá chamano um lá na roça. Que antigamente num gritava. Os fio num ficava gritano os pai e os pai num gritava os fio! Bater treis vezes, é pra ir lá.

Agora vai acabano porque a sabiduria dos novo, num iscutá os mais véi, vai acabano. Num qué mais comunicar de oiá, num qué mais.

E eu tenho certeza que é igual Calisto fala, que eu mais ele conversa muntcho. Ele quer saber como que era meu tempo e o tempo do pai dele. Que o tempo meu e do pai dele foi tudo junto e ele é fio do meu primo primeiro e a gente respeitava muntcho a família. Por isso que eu cunsidero eles assim que eles é três irmão. Intão pra mim, esses minino é como fosse meu filho seguindo a criação minha e do pai dele.

E o comunicado de Calisto, eu falo pra meus fio: – Ó, nem chega perto d’ocês que é meus fio. Que Calisto me pergunta as coisa, óia pra mim.

A gente tinha essa sabiduria que hoje évai acabano. Até admiro de meus fio. Meus fio se eu oiá pra eles assim, dá uma apertadinha...

O que que é, mãe!”

O FILHO ENTREGUE PARA A SENHORA APARECIDA

Rosimar da Cunha Santiago



Eu tava gestante né? E ele, Tipi [Tio Pi] sonhou, acho que sonhou, que era pra mim dá o minino pra Senhora Aparecida. E depois que o minino nasceu, ele falou pra mim e eu fui e dei pra ele, e ele foi e arrematou. Aí hoje o minino é dele.

No dizer do povo eu só faço é criar porque eu entreguei pra ele e ele falou assim:

- Ó o minino é meu, mas ocê cria! Aí eu to criano mas o minino é dele.

Foi assim. Eu fui e peguei o menino e coloquei nos pé da santa, da Senhora d'Asparecida. Aí ele falou assim:

- Ó o minino é meu e da senhora é o dinheiro.

Ele colocou o dinheiro e pegou o minino e eu peguei o dinheiro.

Se as pessoas quiser assistir, não tem problema não. Mas nesse dia tinha só nós mesmo. Mamãe, os minino, meus sobrinhos que morava aqui comigo.

Eu tive um primeiro [filho], aí eu num tive sorte e acho que a Senhora d'Asparecida falou pra ele que tinha que rematar esse daí, senão ele num tinha sorte.

Mesmo assim aconteceu com minha irmã, Lecy. Quando eu ganhei [Wesley], a primeira vez que eu saí do hospital que eu durmi na casa, eu sonhei q'ela falano: Ó cê dá esse minino pra Lecy.

- Esse minino parece o divino. Se ocê num dá, ocê num vai criar!

O santo falou, mas eu num sei qual é o santo não. Eu cheguei e falei pra ela, entreguei pra ela. Ela falou a mesma coisa: Ó, ocê cria, mas o minino é meu, mas ocê cria. A hora que eu quiser, eu vou buscar.

Eu mandei ele, Wesley, chamar ela de mãe, mas ele num achou jeito, chama ela de madinha. Agora, Tio Pi, (Tipi) ele chama de pai. O pai que ele num tem. Graças a Deus esse ele chama ele de pai e ele gosta muito dele.



Eu tinha oito ano de idade, e o meu pai tinha três muié. Nenhuma era mãe minha. Eu fui criado com meu tio. Eu sou adotivo, sabe?

Nós tava pur umas roça e uma mulhé era subrinha da ôtra, sabe? Mas quem me criou mesmo foi a velha que era tia de uma dessas mulhé dele.

Nós chegamos de tarde, e ela tava lá em casa e o barraquinho dela era na roça, sabe?

Ele mandou eu ir pra fazer dela companheiro. Eu nem quiria ir, mas a gente num mandava na gente, fui.

Quando foi lá pela meia noite, deu uma inchente tão grande, mas grande mesmo. Naquele tempo a gente

num tinha colchão, não tinha nada. Ela forrou do lado da menininha, e a menininha deitou no canto, eu deitei no meio e ela na frente.

Eu acordei falano assim:

- A minina ta mijano ni mim. E ela disse:

- minha minina num mija na cama não.

Quando assustei que pulei no chão, a água tava dano ni mim aqui [na altura do peito] e nós naquele desespero, quando gente cabou de sair de den'da casa, a enchente tava carregano a casa.

Aí eu peguei aquela criança, sabe? No que a água tava muito forte eu falei pra ela assim que eu ia soltar a minina. Ela disse:

- Não! Num solta minha minina não, me dá ela. Eu morro cum ela no braço mas num solto!

Naquela brincadeira, foi a derradeira vez que eu vi a mulher com a criança.

Aí eu nadei, nadei demais sabe? Eu era uma criança, nadei, nadei, nadei inté, mas deus me abençoou que não era o dia de eu morrer, sabe?

Aí me deu u'a inenção de eu passar debaixo duma arvre, levei a mão assim, ó, e subi na arvre.

Na hora que eu oiei, que o dia tinha amanhecido, tinha uma cobra tão grande em cima e outra embaixo de mim. Eu fiquei no meio das duas cobra.

Isso aí a senhora pode chegar em Terezina e chegar em qualquer lugar e procurar. É verdade. Então, uma história dessa aí, é uma história bem contada.

Aí manheceu o dia, sabe, e eu nadava muito pouquinho. Fica aquele monte de pau, num fica? Inchente prum lado, inchente pro outro, e eu fui nadano. E eu fui nadano e chegava em riba de um monte de pau eu parava, descansava, tornava a nadar um pouquinho, descansava, inté que consegui sair.

Quando eu cabei de sair, meu pai tava chegano lá, procurou pela muié. Eu falei:
-Morreu uai.

Cê sabe que com esse povo mais véi, falar que morreu já desmaiava de tanto chorar.

E eu saí. Eu tava pelado como eu nasci. Eu tava vestido com uma roupa de algodão. Num tinha essas roupa não. Aí se eu num tiro aquela roupa de algodão que eu tava cum ela, eu tinha morrido. Aí saí caçano cuberta, essas coisa...

Peixe no meio da vareda! Tinha peixe de todo tamanho, a enchente trouxe.

Foi cum sete dia, eu arranjei a muié. A muié tava longe de mim como daqui nesse pé de manga, bem pertim. Aí arranjei a mulé cum a criancinha. Nos braços, o ossinho da criança. Nós arranjemyos por urubu que tava cumeno a mulhé.

Mas aí eu num morri porque num era meu dia de morrê, ne? Porque se fosse... Pela minha idade num tinha como eu iscapá, mas a gente só morre no dia de chegar, num adianta não.



PERNA DE PAU

Leonildo Pereira dos Santos - Diadema

Eu já fiço perna de pau. Nas águas, tava invernado, era bosta de porco demais nas estradas. Eu fazia perna de pau mais baixa do que eu um pouco. Já tinha os pisadu assim. E eu pisava. Andava daqui pra aquela casa lá, tudo! Tudo eu andava, modi de num andar nas água de pé no chão. Mas tomém se caísse, se caísse vou dizer, já breava tudo!

SERRADOR DE IAIÁ • CD FAIXA 11

Domingas dos Santos, Diadema



Tem uma musiquinha bem pequenininha e eu vou cantar pro
cê que oce que gravar a gente assim, coisa de menino..

Incrontei serrador de Iaiá
Pru cima de chão duro
Quebrando ferro
Serrador, serra esse bicho,
Que esse bicho é muito brabo
Eu num como ligurtixo
No caminho de curutiche
Incontrei cum lagartixe
Tira o couro que eu ispicho
Põe o fogo no carnicho
Arimanaque
Curicuquí
É um córgo profundo
São Felo
Isso é grafíel

“Isso [eu cantava] era quando tava oiando piriquito, né? Eu tava aí na roça.
A gente ia pra roça cinco hora da manhã, roça longe. Naquele tempo que chuvia,
era brejo, cê sabia? Cê ia por den’da água. Quipat, quipat quipat... chegava na roça e
chegava lá ia correr cum piriquito cum chuva nas costa!
Mas ali ia cantano as musiquinha, ia cantano que eu gostava muito de cantá e os
minino ficava: Por que qui Duminga aprende e eu num aprendo?
Ê aprende! Eu to insinano! Éia insiná e insinava bem devagarzinho mas quando
chegava no ponto que eu disparava, e eles: Ah não! Isso é só procê memo!
Só tem uma coisa que de primeiro era bom mesmo! É a chuva! Cê ficava a semana
todinha sem ver o ôi do sol! Tem dia que eu fico aí e começo cantar. Eu fico alembrano.
É tão bom! Porque a gente mora na roça mais num tá tendo mais nada da roça, né?
Porque a chuva se chove pra prantar, mas num tem a chuva pra coieta.
Ali é história de vida. Você tá querendo que conta história, isso é história! Pra mim
hoje eu conto como história que eu num to dando conta mais de fazê o que eu fazia.
Mas quando a chuva chove tenho que ficar meno ali dentro do quintal, criando
qualquer coisa...”

BENEDITA EDELTRUDES DA SILVA

“Pois é, aí quando nós tava já crescendo, aí meu pai trabaiava na roça, aí levava nós e tinha que ajudar ele a limpar arroz, mandioca, meio dia quando ele vince. Minha mãe já tava com a comida pronta.

Quase num chovia. Aí a chuva era pouca, ele ia trabaiá pa num faltá as coisa pa nós. Aí eu mais minha mãe ficava correndo casa, aí tava o solão! Tinha as planta plantada, tava querendo morrer. E ela disse:

- Minha fia, vamo pegar com São José. Vamo rezar, fazer pinitência, pa vê se Deus óia pa nós e dá chuva.

Aí nós pegava o santinho, que era São José, aí levava lá pu río. Só num tinha que móia aqui em cima, só no pezinho dele assim. Que se moiasse até na cintura ou topasse a cabeça, quando vinha uma chuva era uma enchente que fartava arrasar, né? Era desse jeito. Aí nós pegava, meio dia. Meio dia em pino.

- Vamu meus fí, vamu lá pu rí moiá o pezinho de São José.”

REZAR PRA CHUVA CAIR • CD FAIXA 12

Benedita Edeltrudes da Silva e Celina Faria da Silva - Diadema, Terezina de Goiás

Aí nós ia cum ele. Aí ela ia, nós os mininin fazia a fileira. Aí ela rezava:

(Refrão)

Meu senhor São José
Tá com sua cruzo na mão
Ô senhor São José
Tá com sua cruzo na mão
Oi de um dia pelo ôtro ai
Chuva de Deus tá chão

Se apegá com São José
É um santo de muita fé
Apegá com São José
Um santo de muita fé

Dá a chuva com abundança
Ai meu divino Nazaré
(bis)

(Refrão)

Se apegá com São José
É um santo de muita fé
Se apegá com São José
Santo de muita fé
Dá a chuva com abundança
Ai meu divino Nazaré

Benedita: Aí nós respondia assim:



- Ô meu São José. Vós que adora seus fí. Tenha pena, tenha piedade, traz uma chuvinha pa nós, meu São José. Bem mansinha, bem sossegadinha, meu Deus. Que seu fí tem muito medo... Amém.

E aí, quando vinha, uns 3 dia. Era rezando 3 dias, continuado. Se rezasse hoje meio dia, amanhã nas mesmas hora tinha que rezá pa moiá os pezinho dele. Aí, até interá os três dia. Pronto, três dia a chuva chuvia.

O MENINO BENZEDOR

Mateus Sousa da Silva tem 11 anos - Diadema, Terezina de Goiás

Quer ajudar as pessoas e aprendeu a benzer e rezar com seus avós, Leonildo Pereira dos Santos e Benedita Edeltrudes da Silva.

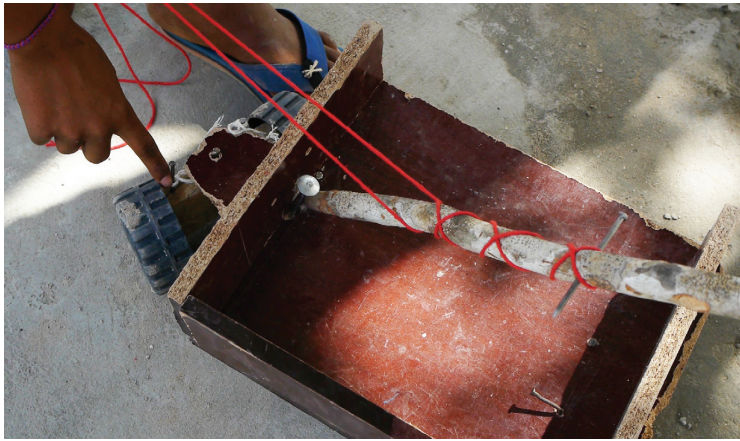
Mateus ensina uma reza.



“Padre verte, e reverte, levantando arca, espinhela, titela, peito aberto, ventre virado, procura seu lugar, com o poder de Deus padre, Deus filho, Deus Espírito Santo, amém”.

As palavras são acompanhadas de gestos e movimentos que reorganizam o corpo de quem recebe o benzimento.

E que gestos e movimentos são esses? Mas esse já é outro assunto...



Baratinha

BRINQUEDOS

Como fazer uma Baratinha?

Projeto de Gabriel Pereira Fernandes

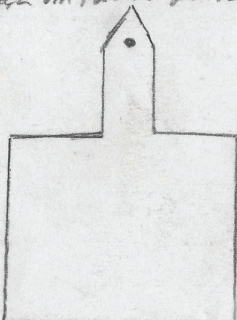
Como fazer uma baratinha.

Materiais

- 4 tabas
- uma tábua maior
- 4 rodinhas
- 2 tabinhas menores para o eixo
- uma tábua curta e um círculo
- uma vara com um prego, pregos
- uma corda
- varios pregos

COMO FAZER

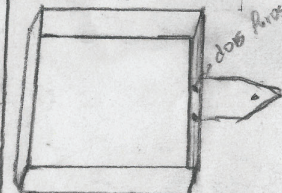
Recorte a tábua maior dessa forma e faça um furo na ponta.




Pregue as 4 tabas na maior.

fazendo e furos e um dos lados des-

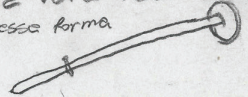
sa forma



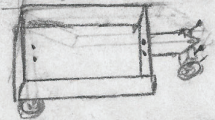
Pregue as tabas do eixo, e pregue estas rodinhas



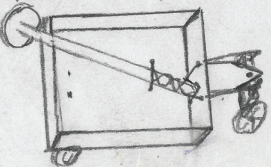
Pregue tábua redonda na vara recortada desse forma



Pregue as rodinhas no carrinho acrescentando dois pregos no eixo dianteiro. Pregue com muito cuidado quando voce termina terá a seguinte forma



Agora prego dois pregos para o centro volante e amarre a corda nos dois pregos expostos no eixo passando-a pelos dois buracos.



Este pronto a sua baratinha.

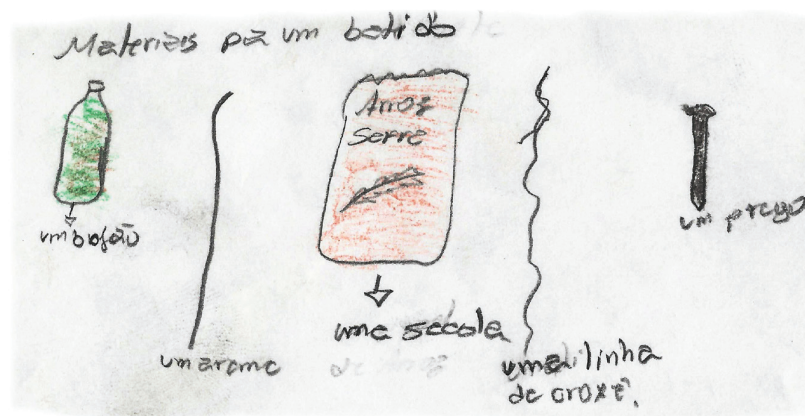


BATIDOR:

Diego Pereira Fernandes, 11 anos, ensina a fazer o carrinho batidor. Misael Moreira de Castro 10 e Josemar Fernandes dos Santos [Alan] 7, também fazem e no final tiram racha observando qual deles tem o melhor som. Fazenda da Barra, Monte Alegre

Materiais usados para fazer o batidor

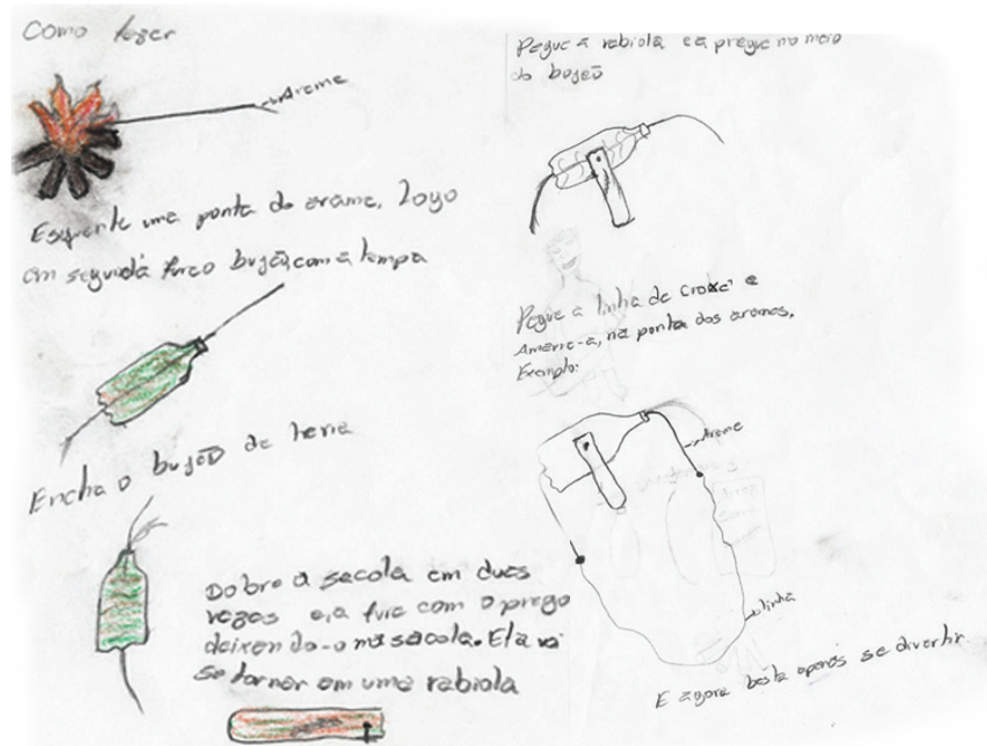
- *UM BUJÃO - embalagem arredondada para refrigerante de dois litros.*
- *RABIOLA - faixa retangular do tamanho de um palmo de comprimento e uns 4 dedos de largura, cortada de um pedaço de bujão e dobrada em dois.*
- *ARAME RÍGIDO, FERRINHO*
- *BARBANTE*
- *PREGO*
- *MARTELO*
- *AREIA OU TERRA*



Como o Diego faz:

Ele faz um furo no fundo do bужão e na tampa dele. Por ali passa o arame duro ou ferrinho. As pontas dele devem ficar de fora. Mais ou menos uns dois dedos. Nesse pedacinho vai ser amarrado o barbante para puxar o carrinho. Depois de furado, o arame colocado, ele tira a tampa enche o bужão de areia e torna a tampar. Depois de cheio, ele fecha o bужão deixando as pontas do arame de fora. Depois ele prega a Rabiola com prego e martelo na lateral do bужão. Então ele amarra o barbante nas pontas do ferrinho. Tá pronto pra sair brincando e puxando o carrinho. Ele vai produzir um som tá tá tá tá tá tá! É o batidor.

Obs: se não tem ferrinho, pode pôr um arame maior e mais flexível e dar um nó na frente, usando um alicate. Nesse caso, pode prender aí o barbante pra puxar.



BOILÉ

Dança de pares com acompanhamento de Caixa.

Como se dança?

Formam-se duas filas e cada qual fica em frente a seu par. Ao começar a música, o primeiro par vai à frente e se encontra no centro das filas e se tocam nas palmas da mão direita, ou enlaçam os braços.

Em seguida, cada qual se volta para a fila tocando a palma da mão direita da pessoa a seu lado na fila. Gira novamente para o centro no sentido anti-horário, reencontra seu próprio par e toca novamente na sua mão direita.

Os pares vão girando e dançando na direção do final da fila, alternando toques na palma da mão de seu par e da próxima pessoa da fila.

Quando um par sai dançando o próximo par já pode sair também e seguir na mesma direção, ou podem esperar que o primeiro par se distancie para então sair.

A brincadeira segue até que todos tenham dançado, e voltam ao começo da fila para dançar de novo.

Todos vão cantando o refrão e algumas pessoas vão jogando os versos.

Há muitas variações.

- Quando os pares se tocam na palma das mãos e se viram na direção da fila para tocar a mão de quem começou a seu lado, podem não fazer o giro completo para voltar a tocar a mão de seu par, mas apenas girar o corpo para um lado e para outro.
- Os pares podem tocar ambas palmas. Primeiro uma e depois a outra e fazer o mesmo com a pessoa que está na fila.
- Ao tocar as mãos, podem entrelaçá-las ou entrelaçar os antebraços
- Podem levantar as mãos e tocá-las no alto.

BOILÉ - CAJUEIRO PIQUININ · CD FAIXA 13

Maria Pereira Fernandes, Teodora de Aquino, Clarindo Pereira Fernandes
Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante



Cajueiro piquinim
Mas carregado de botão
Eu tombem sou piquininha
Carregada de paixão

Ô lê oi cá Boilé
Querumbê, querumbê querum á
Ô lê oi cá Boilé
Querumbê, querumbê querum á

A rainha dessa casa
Todas elas tem virtude
Eu saí daqui doente
Hoje me acho com saúde

Joguei meu lenço pra riba
Peneirou mas num caiu
Namorei com seu benzinho
Mas ni sua vista e ocê num viu

VERSOS · Um pequeno repertório pra cantar no Boilé, Sussa, Alvorada, brincadeiras de Ronda, Roda...

Lá em cima daquela serra
Tem um pé de murici
Quem não sabe jogar versos
Vai pegar o couro e vai dormir!

É mais antes a pedra
Rolar contra o vento
De que vocês
Sair do meu pensamento

Sucupira fulô roxa
Joga flor em Belém
Não casa com outro não,
Casa comigo meu bem

O coqueiro é tão alto
Que joga coco na cidade
O meu bem pertinho de mim
E eu morrendo de saudade

Balança que pesa ouro
Não pode pesar capim
Se você gosta de outro
Não pode gostar de mim

Eu sai de lá de casa
Minha mãe me encomendou
Meu filho você não apanha
Que seu pai nunca apanhou

Lá detrás da minha casa
Tem um tacho de melado
Quem num sabe cantar verso
É mió ficá calado

Lá em cima daquela serra
Tem uma fita balançando
Num é fita num é nada
É meu amor que tá passando

Em cima daquela serra
Tem um feixe de cuié
Nunca vi língua linguda
Do que língua de muié

Fui pro rio pegar peixe
Pra pegar peixim dorado
Num peguei peixim
Mas peguei meu namorado

Meu amor saiu daqui
Nem de mim num dispidiu
Chegou lá em cima da serra
Lenço verde sacudiu

Sapatim que eu já calçei
No monturo eu já deixei
Num me importa quem te ama
Aquele que já amei

Fui plantar pé de coco
E aí plantei foi tomate
Fui beijar sua boca
E tem gosto de chocolate

Se eu escrevisse na água
Como escrevo no papel
Escrevia seu lindo nome
Na pedra do meu anel

Passei pela agua, não me moiei
Passei pelo fogo e não me queimei
Passei por você,
Me apaixonei

Patinho tá cansado
Bateu o pé na cama
Eu também estou cansada
De amar quem não me ama

O abc pegou fogo
Eu corri para apagar
Apaguei a letra F
O resto deixei queimar

Na rua que eu passo
Ninguém ta passano
Na boca que eu beijo
Ninguém ta beijano

O homem pra ser bonito
Não precisa ter pintura
Chapéu preto na cabeça
Trinta e oito na cintura

Em cima daquela serra
Tem um pé de guariroba
Não sei que santo eu peço
Pra chamar sua mãe de sogra

Tem uma flor branca
Que nasce no jardim
Sua mãe criou você
Foi pra mim.

La vem a lua saindo
Redonda como uma aliança
Será que é pecado
Amar desde uma criança?



Atirei no que eu vi
Matei o que eu num vi
Tirei lasca de pau santo
Assei e comi.

De joelho eu caí na água
De joelho fui até o fundo
Pra ganhar o abraço de uma criança
Que é a melhor coisa do mundo

Já disse que num te quero
Já te dei o desengano
Não me importa que tu morre
No terreiro cuchilano

Menina me dá um beijo
Que eu lhe dou cinco mirréis
Um beijinho da sua boca
Em vez de cinco eu lhe dou déis

Eu mandei fazer uma barquinha
Da raiz de fedegoso
Pra embarcar você
Da vista dos invejoso

Da Bahia mandei vim
Um presente na tigela
Cabeça de piabanha
Beijo de moca donzela

Juriti cantou de banda
Rulinha fogo apagou
Não me mata de feitiço
Que aqui num tem curador

Em cima daquela serra
Corre água sem chover
Mesmo assim tá meu benzinho
Com vontade de me ver

A faca que corta pão
Não pode cortar raiz
Coração que ama dois
Nunca pode ser feliz

Em cima daquela serra
Tem uma fita balançando
Não é fita não é nada
É meu amor que tá chegando

No fundo do meu quintal
Tem um pé de abacaxi
Cuidado minha mãezinha
Que essa noite eu vou fugir

Joguei meu lenço pra riba
E caiu no cemitério
Se não for pra me casar
Namorar também não quero

Eu plantei e samiei
Semente de maravilha
Meu marido foi me ensinar
Querer bem que eu não sabia

Você diz que sabe sabe
Como burro sabe ler
Na minha algibeira eu trouxe
Capim pra você comer

Esse capim que você trouxe
Foi você mesmo que arrancou
Você leva pra seu pai
Que ele é bom e eu num sou

Bate bate brabuleta
Coração de papagaio
Eu num sei que namoro é esse
Que me dá tanto travaio

Subi na taboca
Desci de gomo em gomo
Segura seu namorado
Que senão eu tomo

Tico tico do farelo
Lambiréia da correnteza
Já disse que num te quero
Deixa de tanta cegueira

Sucupira fulô roxa
Cravo de boa esperança
O amor que te amava
Mandou foi muita lembrança

Se você não me queria
Por que que me enganou?
Se eu morrer apaixonada
Foi você que me matou

Menina bonitinha
Sombrancelha de alecrim
Delicada foi sua mãe
Que criou você pra mim.

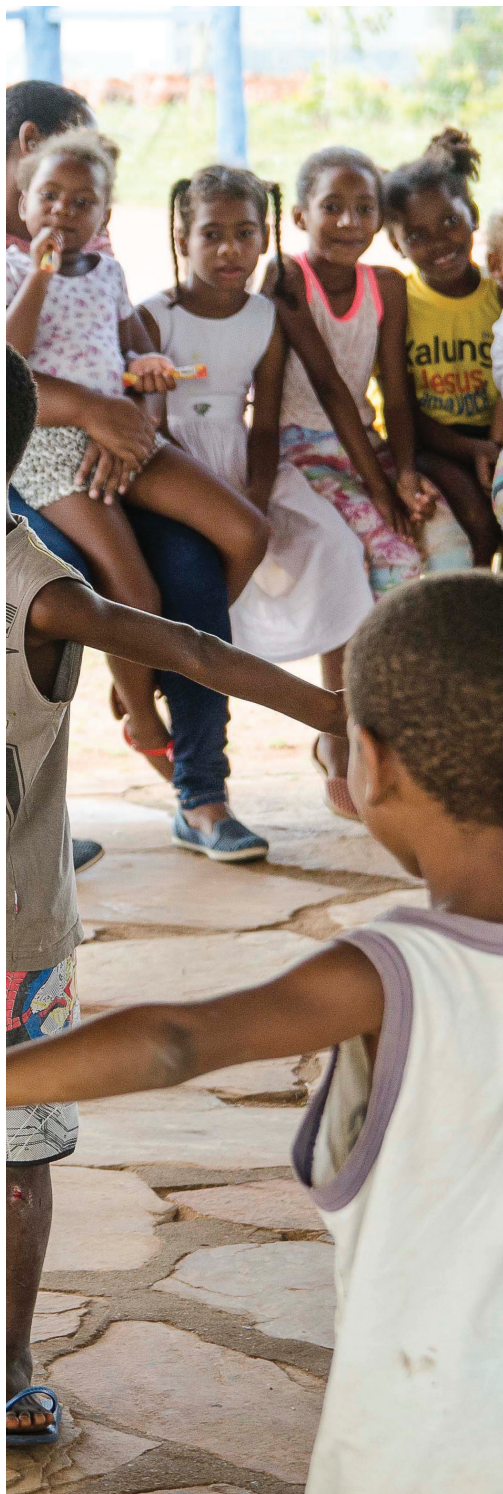
Quando eu vim da minha terra
Eu passei nas inhuma
Diz que eles é bico doce
Eu num vi doçura nenhuma

A água caiu no telhado
E o telhado caiu no chão
Eu quiria que esse povo
Caísse no meus braço
Pra matar minha paixão

Subi a serra das arara
Tomano solo pela cara
Vento pelos ouvido
Cheiro pelo nariz
Na casa de Conceição
Deixei o teu gemido

Deus quando fez o mundo
Fez escrito e bem dado
Pinto novo pra gavião
Galinha, pra raposa e gato
Ovo quente para tiú
Daquelas que põe no mato





Escola Municipal Tia Desuitta

BRINCADEIRAS DE RONDA OU RODA

No Riachão, Areia, Tinguizal e Maiadinha, o nome é Brincadeira de Ronda. E em outros lugares como Diadema, é brincadeira de Roda.

“Uma brincadeira, rudiava aquele mundo assim ó, um seguro na mão do outro, fazia a rondona, ó! E agora saía andano ao redor assim, ó, dançano!”

Brada, Brasilina dos Santos Rosa

PIRANHA • CD FAIXA 14

Brada, Brasilina dos Santos Rosa

Piranha foi a festa Piranha
A saia dela caiu, Piranha
Tava do lado dela Piranha
Ela num me viu Piranha

Põe a mão na cabeça Piranha
Tira, põe na cintura Piranha
Dá um requebradinho Piranha
Requebradinho faceiro Piranha
Faceiro e bunitinho Piranha



JOVINA • CD FAIXA 15

Maria Pereira Fernandes

Topei Jovina lá no bebedor
Pedi ela um beijo, ela me negou
Tornei pedir, ela tornou negar
Venha cá Jovina, Vamos abraçar

Tari tari tari
Tari tari tari tatá
Ta tari tari tari tari tari ta, tá

Eu prantei e sameei
Semente de maravia
Namorei com seu benzinho
Na sua vista e ocê num via

Topei Jovina lá no bebedor
Pedi ela um beijo, ela me negou.
Tornei pedir, ela tornou negar
Venha cá jovina, Vamos abraçar

Tari tari tari
Tari tari tari tatá
Ta tari tari tari tari tari ta, tá



CARANGUEJO • CD FAIXA 16

D. Procópio dos Santos Rosa, e Valmir Edeltrudes Rodrigues

(refrão)

Caranguejo num é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na vazante da maré

Bate com essas mão
Sapatia com esses pé
Ronda ronda cavaleiro
Pega a dama que quiser.

Quando eu vejo muié magra
Não sai do meu sentido
É doença ou é calibre
Ou é maltrato do marido

(refrão)

Eu éia viajando
Encontrei um bando de anum
Eles foi falou pra mim
Todos tempo já é um

(refrão)

PASSEI NO PÉ DE LARANJA • CD FAIXA 17

Karina da Silva Santiago, 8 anos – Tinguizal, Monte Alegre

Passei no pé de laranja
Gabriela estava lá
Chupando laranja doça
Com certeza qué casá

Qué casá Gabriela?
Quero!
Mas sua mãe deixa?
Deixa!
Com quem?





CANDARIM DE SINHÁ · CD FAIXA 18

Daínda, Natalina dos Santos Rosa

Amanhã eu vou me embora
Candarim de sinhá
Só se Deus não for servido
Candarim de sinhá

Vou passar na Vila Nova
Candarim de sinhá
Pra salvar meus conhecido
Candarim de sinhá

Paiparipaiparáááá
No colo de iaiááá
candarim de sinhá

Como se brinca :

“Vai rodando e quando canta Paiparipaiparáááá, no colo de iaiááá, Candarin de sinhá”, Aí abraça”.

Tu disse que vai e volta
Saudade de mim não tem
Você vai e deverte
E eu fiquei não tem com quem

Amor de dois eu não quero
E de três afasta pra lá
Eu só quero o meu sozinho
Que eu só posso governar

O fogo quando se apaga
Na trempe fica o calor
Dois amor quando se afasta
No coração fica a dor

BARBULETA PRETA · CD FAIXA 19

Dainda, Natalina dos Santos Rosa

Eu saí da minha terra
Minha mãe me encomendou
Se eu topasse um nego macho
Que eu batisse o corredor

Brabuleta preta
Pisa na graveta
Passarim que canta
Xô brabuleta

Évai arara voando
Com uma navaia no pé
Fazendo barba nos home
E cangoteira nas muié
Brabuleta preta ...



Amanha eu vou me embora
Domingo ou segunda feira
Cê me espera no caminho
No galho da laranjeira
Brabuleta preta ...

A lua de caminhar
Já tem o caminho seguido
Adiante vai meus olhos
Mais atrás vai meu sentido
Brabuleta preta ...

MENINO NUM MALTRATA ESSA NEGA · CD FAIXA 20

Domingas Dos Santos

“Meu nome é Domingas, moro aqui no Kalunga, Fazenda Diadema.
Tô alegre pro’cês tá aqui hoje comigo. Cês falou de coisa da minha infância,
que a gente brincava... Quando eu era pequena ia pro terreiro, fazia aquelas
rodinha de dança e cantava”

Menino num maltrata essa nega
Que essa nega foi o pai que deixou
Meia fina chapéu de doutor
Seu beiju está bom de virar,
Está bom de virar, está bom de virar

Aí a gente cantava essa roda. Pra gente era uma alegria!

Dainda, Natalina dos Santos Rosa

Soldade do ejerce
Não carrega cinturão
Só carrega carabina
Com sua blusa de algodão

(Refrão)
Xô arara,
Xô barbuleta
Sodade do ejerce
Não sabe tocar corneta

Pra trás num me atira
Pra diente me atirou
Ronda ronda, cavaleiro
Com seu pari já rodou

(Refrão)
Menina tu vai e volta
Sodade de mim não tem
Você vai ficar deverte
E eu fiquei não tem com quem

(Refrão)
Menina tu vai e vai
Eu também queria ir
Ocê disse que num vai mais
Eu tamém já resolvi

Xô arara,
Xô ararinha
Quanto mais a arara canta
Mais a arara é bonitinha

Sucupira fulô roxa
Cravo de boa esperança
O amor que me amava
Já mandou muita lembrança

Como se brinca :

“Aí quando fala “pra traz num me atira, pra diente me atirou”, aí afasta pra trás, quando fala “Pra diente me atirou” vai lá pra frente até topa os braços lá, volta e roda. A roda vai e a roda vem”.







BRINCADEIRAS EM GRUPO

“Eu vou explicar pra vocês criançada: No tempo que eu era menina, criança que nem ocês, eu brincava de Boilé, eu brincava de Ronda, de rodinha, brincava de Sussa, panhava fruta no mato, panhava o piqui, panhava cagaita, panhava goiaba, panhava jatobá e levava pra casa pra mode usar, naquele tempo. Um tempo muito formoso.

Hoje tá mais difícil, que inté as fruta tá mais difíci pra eles. Mas vamo pegá cum Deus que fica fácil.”

Maria Fernandes Pereira conversando com as crianças da escola na Maiadinha no Vão Do Moleque.



AS ABOBRAS, A DONA E O VELHO

Karina da Silva Santiago 8 anos, Larissa 4 anos, Larisse de Sousa Santiago 7 anos, Luís Henrique Pereira dos Santos 10 anos, Wesley da Cunha Santiago 9 anos

As crianças são as abobras e elas ficam junto de sua dona:

“Aí tem o véio com a bengala e ele vem pedir uma abobra, que eu já di ele a abobra. E eu pergunto:

- Cadê aquela que eu te di?

E ele responde [cada vez que pede uma abobra dá uma resposta diferente]:

- Eu fui no mato panhar lenha, aí quando eu cheguei, gado já tinha comido!

Aí eu falo pra ele:

- Pode escolher uma aí. Aí ele escolhe.

Quando eu der a ultima, quando não tem mais, eu falo:

- Bisca cachorro!

Ele larga a bengala e sai correno. E quem pegar, [a bengala], vai ser o véio”.

Ps: o véio vai explicando de diferentes maneiras como perdeu a abobra que já tinha ganho.

Na hora de pegar a bengala pra ser o véio, as crianças vão imitando o latido dos cachorros.

BRINCADEIRA DO BODE

Karina da Silva Santiago de 8 anos, ensina e brinca com Larissa 4 anos, Larissa de Sousa Santiago 7 anos, Luís Henrique Pereira dos Santos 10 anos, Wesley da Cunha Santiago 9 anos

As crianças ficam em semicírculo, uma delas fica fora e é o Bode.

Elas dizem nomes de coisas que podem interessar ao bode. Banana, milho, carne assada. Se ele gosta, dá um pulo na direção delas e se não gosta, dá um pulo pra trás. Até que ele chega perto e elas fecham o círculo ao redor dele.

O bode faz perguntas do que tem nos braços de cada criança para ver a força que tem neles. Respondem coisas como:

- Bosta de galinha, enrola, enrola, mas não quebra.
- Côco, côco, enrola, enrola, mas não quebra.
- ...

Aí ele pergunta do outro braço, e elas dizem:

- O mesmo!

Quando termina de perguntar, o Bode se abaixa e começa a arrancar de leve o pé de cada criança. E ela pergunta:

- O que ocê tá caçano aí, Bode?

Ele sempre responde:

- Amendoim

Ela diz:

- Ocê tem ele aí? Ou, cê plantou ele aí?

Quando termina de procurar amendoim, ele vai tentar sair quebrando a corrente formada pelas mãos dadas. Quando consegue, sai correndo, outra criança vai pegá-lo e quando consegue, essa vai ser o Bode. Continua até que todos tenham sido o Bode.



LUTA: TRANCINHA

Fazenda da Barra – Monte Alegre

Diego Pereira Fernandes, 11 anos, Misael Moreira de Castro 10 e Josemar Fernandes dos Santos 7, o Alan, gostam de brincar de lutar a Trancinha e Ana Paz Moreira de Castro, 12 anos, gosta de lutar capoeira.

Trancinha é a luta em que os lutadores se trançam. Os meninos aprenderam com os lutadores na televisão mas também com os homens mais velhos. Os homens que eles veem brincar e lutar quando vão se banhar no rio.

Leonildo Pereira dos Santos morador da Diadema Território Kalunga em Terezina de Goiás, conta que

“A luta mais os cumpanheiro certo, num brigava não!”

A luta cê trançava a mão assim na cintura do ôtro. Aí agora, cê num deixa o cumpanheiro ligar sua barriga na dele não, senão se cê ligar a barriga na dele assim, ele derruba!

Agora cê tem que meter a mão assim ó, o dedão assim pa afastar pro modi dele num chegar na gente! Isso aí é dureza. Pega e empurra que é pro modi num deixar ligar pra pessoa assim, que se ligar a pessoa, a pessoa fica sem força, né? Aí ele joga a pessoa e derruba.



GELAR

Karina da Silva Santiago

“Tem o home que gela a gente, se nós tiver em pé e ele também tiver em pé, se ele for gelá nós, nos tem que agachar, aí ele num gela mais não.

Tem outra pessoa lá em pé, ele vai tenta gelar e ela agacha. Aí eu arribo cá, ele vem, tenta me congelar e eu agacho. Se eu ficar em pé muita hora ele me congela.

Aí nós fica congelada. Aí num pode mexer cum nada, nada, nada! Tem que ficá um montão de hora de depois ele vem e descongela nós. Aí nós fica descongelado. Aí depois ele vem de novo, tenta congelá nois, aí nós agacha...

É brincar de roda, mas num segura ni mão não! É de solto. Aí o home que congela a gente fica no meio. Aí ele vai e tenta congelar nós e nós agacha!”

GELINHO, GELÃO

Karina da Silva Santiago

Pode ficar de qualquer jeito. Em roda, pode ficar bagunçado... E todo mundo tem que ficar na roda e ser gelim e gelão.

Aí tem que pegar um, entrar dentro da roda:

Aí fala: gelin! Agacha.

Gelão! Arriba.

Aí fala de novo: Gelim! Gelão!

Quem errar, que é quando fala gelim, se arribá, sai. Ou quando fala Gelão! Se agachar, sai também.

Aí sai tudim!

MORTO, VIVO

Igual ao Gelin, Gelão. Morto tá agachado e vivo tá levantado.

CANTIGA PRA BRINCAR COCHETE · CD FAIXA 22

Karina da Silva Santiago, 8 anos e Luís Henrique Pereira dos Santos, 10 anos
Tinguizal, Monte Alegre

Fui ao castelo
Mal assombrado
Xixi de rato
Pra todo lado

As princesinhas falam assim

Cochete cochete
Cochete, chete chete
Abriu, fechou
Abriu fechou
sentou



Como é a brincadeira:

A criança fica em pé enquanto canta.
Na hora de cantar **cochete**, salta com as pernas juntas.
Repete **cochete** e salta abrindo as pernas.
Na hora de cantar cochete, chete chete, salta com as pernas juntas para um lado e outro, esquerda e direita.
Quando canta **abriu** salta abrindo as pernas
Quando canta **fechou**, salta fechando as pernas
E quando canta **abriu, fechou, sentou**, salta abrindo as pernas, salta fechando as pernas e se finalmente se agacha.

BRINCADEIRA DE ESCONDE-ESCONDE

Karina da Silva Santiago, 8 anos – Tinguizal, Monte Alegre

Tem que rumar a mão nas costas do menino que tá virado de costas.

E aí fala:

Qual mão que eu te trisquei?

Aí se ele errar, a gente fala:

10 segundos pra cantar. Aí ele canta até dez e a gente fala: Pronto!

Aí ele vai caçar.

POBRE, POBRE

Domingas dos Santos – Diadema

“A gente juntava com os minino do vizinho no terreiro e brincava muito. Cantava rodinha, cantava história e jogava muita adivinhação”.

Uma ficava de lá com deis minina e eu ficava de cá só com uma. Ou talvez sem nenhuma, e eu quiria uma minina sua pra mim levar pra minha casa. E então ficava uma de cá e outra de lá e falava:

Eu sou pobre pobre pobre
E vou m'imbora, vou m'imbora

E a ôtra respondia:

Eu sou rica, e rica, e rica, e vou m'imbora, vou m'imbora.

A pobre saía de cá e ia pra lá pra pedir uma da rica, ia pegar u'a minina. E ali a gente ia cantano, até que a que era rica ficava pobre e a pobre ficava rica”.





CANTIGAS

MARIQUINHA DA BEIRA DO RIO • CD FAIXA 23

Domingas dos Santos - Diadema

“Isso eu achava bom pra cantar, né? Tinha uma musiquinha que eu gostava muito que era assim:”

Mariquinha da beira do rí
Bertulina da pedra redonda
Ai cabelo dela
Ela vai girando
D’uma noite para um dia, minina
Ai Tereza morreu na caçoada
Ôôlê oi lá!

CANTIGA DA TATAÍRA • CD FAIXA 24

Domingas dos Santos - Diadema

Eu andava pelo um campo
Incrontei u’ a Tataíra (bis)
Eu cantava por verdade
Povo diz que era mentira (bis)

Eu vortei daí pra trás
Fui caçar ser machadeiro (bis)
Eu num arreparei o pau
Mas ele era um Caneleiro

O pau num era grosso
No mesmo tempo se via (bis)
Cortava sem machadeiro
D’um pra outro e num ouvia(bis)

E o favo da Tataíra
Eu mandei por dois riacho (bis)
Setenta marrano ovelha
Trezentos carneiro macho

Eu andava pelo um campo
Incrontei uma vaca morta (bis)
Eu rumei o pé na vaca
Para ver se ela mexia (bis)

A vaca saiu danada
Chega os casco tinha
Com prazo de doze anos
Pareceu com doze cria (bis)

Três vermeia, três castanha
Três melada e três rosia

Ô TIM OU TCHÁ

Roda na Escola Tia Desuíta

Ô tim ou tchá
Eu quero que ocê me diga
Quantos peixe tem no mar

Ô tim ou tchá
Eu contei os peixo tudo
Só faltou uma crumatá

Ô tim ou tchá
Que mentira danada
Que ocê veio aqui deixá

Ô tim ou tchá
Eu quero que ocê me diga
Quantas pinta tem cocá

Ô tim ou tchá
Uma aqui outra acolá
Cada qual em seu lugar.

Ô tim ou tchá
De um carocinho de milho
Tirei 100 quarta de fubá

Ô tim ou tchá
Quem não tem sua esculateira
Não toma café nem chá

CHICO CHICO • CD FAIXA 25

Brada - Brasilina Dos Santos Rosa.

Chico chico é pau de espinho
Imburana é pau de abelha
Chico chico é pau de espinho
Imburana é pau de abelha
Colarinho de boi é canga
E paletó de nêgo é peia

Eu nasci com sete meses
Fui criada sem mamar
Papai comprou uma cabra
Pra acabar de me criar
Com idade de 12 anos
Eu comecei a namorar

BENDITO DO ESPIRITO SANTO • CD FAIXA 26

Thainá R. dos Santos, Delfina dos Santos, Susidete Soares e Suziana de A. Santos.
Ribeirão dos Bois - Terezina de Goiás

Bendito Espírito Santo
Aqui veio vos visitá
Veio pedir uma esmola
Pra o senhor querer nos dar
Veio pedir uma esmola
Pra o senhor querer nos dar

Pra o senhor querer nos dar
Uma esmola por caridade
Para repartir com os pobres
Na maior necessidade
Para repartir com os pobres
Na maior necessidade

Minha gente venha ver
Como é o Espírito Santo
Tem os pés e biquim vermelho
E o corpo todo de branco
Tem os pés e biquim vermelho
E o corpo todo de branco

O corpo todo de branco
Tem os pés e biquim vermelho
É uma das três pessoas
É um só Deus verdadeiro

Quando o sol lá vem saindo
Peca licença ao senhor
Para repartir seus raios
No divino resplendor

Quando padeceu
Com a força do verão
Tudo no mundo se acaba
Só a força de Deus não

Só a força de Deus não
Pra quem ama sempre a Deus
Vivendo sempre abraçado
Na chama do amor divino

Na chama do amor divino
Divino consolador
Quem consola essas almas
Quando desse mundo for

Quando desse mundo for
Os anjos irão também
Peço que nos dê a glória
Para todo sempre amém









Uma brincadeira que encerra as rezas.

“... Aqui nós faz é assim. Quando nós vai rezar, tem o altar, num tem? Aí nós reza e depois que termina de rezar tudo, que nós vai beijar, aí nós faz essa brincadeira. Em frente o altar e é sempre eu que canto. Eu cantano e as minina dancano. Aí dancano que tá, chega perto, beija e Deus abençoa. Aí já tá finalizando já.”

Benção

Lá evai a benção de vovó
Lá evai a benção de vovó
Lá evai a benção de papai
Lá evai a benção de mamãe

Deus abençoa, Deus abençoa
Deus abençoa, Deus abençoa

Lá evai a benção de vovó
Lá evai a benção de vovó
Lá evai a benção de papai
Lá evai a benção de mamãe

Deus abençoa, Deus abençoa



ADIVINHAÇÕES

“Antigamente minha mãe ia dormir na casa dos vizinhos pra contar histórias, jogar adivinhação e versos. As vezes a gente ficava até duas, três horas da manha. Isso a gente aprendeu foi com minha mãe, minha avó, bisavó, né? E com os mais velhos, ia passando... Eu era pequenininho, saía com minha mãe, eles iam contando e eu ia memorizando o que eles iam falando”.

Valmir Edeltrudes Rodrigues

Adivinhações são suportes para o desenvolvimento do raciocínio e do olhar atento para sua realidade material, presente na formação de povos sociabilizados em tradições orais.

O que é, o que é? É seu mas quem usa é os outros?

-Aí ninguém ia saber, mas é o próprio nome da gente.

O que é, o que é? Oce évai e ele evem?

-Calcanhar do pé da gente.

O que é, o que é? Tem asa mas num avoa, tem bico mas num assovia?

-O bule de passar café.

O que é, o que é? Tem cabelo e dente, tem barba mas num é home?

-O Alho

O que é, o que é? Tem cabelo e bigode igual home?

-Espiga de milho

O que é, o que é? Sua mulher dá pros outros mas não dá pra você?

-O menino pra batizar

O que é, o que é? Ana mas não é Ana, tem a palha que nem cana?

-Ananás, abacaxi

O que é, o que é? Nasce em pé e corre deitada?

-Canoa. A árvore que se usa pra fazer a canoa nasce em pé e a canoa anda no rio deitada.

O que é, o que é? Casa talhada lagoa d'água?

-Melancia

O que é, o que é? A mãe é mansa e a filha é brava?

-Pimenta. O pé não arde e a fruta arde

O que é, o que é? Entra em mato, sai em mato, sai de tripa de arrasto?

- Agulha e linha costurando

O que é, o que é? A mãe bate na filha e a filha bate na mãe.

- Pilão e mão de pilão.

O que é, o que é? Planta chumbo e nasce ferrão?

- Quiabo. A semente dele é redonda como chumbinho. A forma dele lembra a de um ferrão.

O que é, o que é? Queima a casa e a cumeeira fica?

- Estrada. Você pode meter fogo nos mato tudinho, mas só que a estrada fica. Não acaba.

O que é, o que é? Quatro irmãos andam juntos e não se encontram?

- Pneus de carro.

O que é, o que é? Pé redondo e rastro comprido?

- Pneus de carro

FAZENDA DA BARRA, MONTE ALEGRE

Santa Fernandes de Castro, 60 anos, Gabriel Pereira Fernandes, 14 anos. Ana Paz Moreira de Castro, 12 anos, Diego Pereira Fernandes 11 anos, Misael Moreira de Castro 10 anos.

Dona Santa Fernandes de Castro fala das brincadeiras de sua infância.

“Uá... brincava com boneca. Boneca de buriti, de pano, cortava ela e enchia de pano. Fazia os vistidin, vistia as boneca tudo. Fazia até coma pras boneca debaixo dos pau. Tudo nós fazia.

Fazia casa no mato, tinha marido no mato, de tudo nós tinha. Fazia coma pra deitar. Pnhava pedaço de pono, enganchava lá e diz que era vara de carne pra cuidar do resguardo. Tinha criança.

Casa coberta de palha, outa hora jogava rama em riba, quando o vento vinha e derrubava nós tornava a levantar. As cuberta. Era assim”



Dona Santa desafia as crianças:

“Eles num dá conta de nem de divinhá nem o que a gente joga!”

O que é o que é? Caminha com o pé na cabeça?

- ???

- Pioi

O que é o que é joga pra riba é prata e cai no chão é ouro?

- Ovo!

O que é o que é morto e ninguém tem medo?

- Fantasma?

- Não! Cochão.

- Cochão?

- Cê num deita pru riba dele? Ele num ta na coma, ce num salta pra riba, deita, e ele num mexe? Porque ele num toma fôlgo, ele num mexe, ele só tá morto.

O que é o que é salta rio e num trisca o pé?

- Sombra!

- Pudrim na barriga de égua! Salta o rio e num trisca o pé n'água.

- É mesmo...

O que é o que é, deitcha aqui e levanta acolá?

- Peixe! Chuva!

- Cês gosta dela! É cana caiana. Ela num inrola, num deita aqui e levanta [rebrotá] na frente?

O que é o que é, antes da mãe girá a fia já girou?

- Num intendi foi nada, diz Ana.

- Fumaça. Num vê que cende o fogo, ante do fogo pegá a fumaça tá girano?

- É mermo! O fogo é a mãe! Diz Ana

O que é o que é? A fia governa a mãe e a mãe não governa a fia?

- Pilão, a mãe de pilão. Soca a mãe de pilão den' do pilão. O pilão é mãe e a mãe do pilão é a fia.

O que é o que é, a mãe mansa e a filha brava?

- Pé de pimenta. O pé é manso.

O que é o que é lá no céu tá batendo?

- Pedra?

- Coração?

- Sua língua que tá na boca. Tem o céu da boca e tem a língua.

O que é o que é, sobe e desce e não sai do lugar?

- Estrada?

- Escada!

O que é o que é tem coroa de rei mas num é rei?

- Abacaxi

O que é o que é entra aqui sai acolá, sai com tripa de arrasto

- Agulha

Dona Ana - O que é o que é de dia tá bateno e de noite tá calado?

- Machado

O que é o que é de dia tá dançando e de noite tá no canto?

- Vassoura

O que é o que é, mais alto que um home e mais baixo que uma galinha?
- Chapéu

O que é o que é tem zóio mais num pisca?
- Lagartixa?
- Gafanhoto!
- Lagartixa num pisca não. Ela faz é passar a língua no ôi aqui assim, ó!

Areia

O que é, o que é? Gordinho, gordinho, baixinho, baixinho, com a mão na cintura pedindo um bolinho?
- Penico

O que é, o que é? Quando gente tá deitado ele tá em pé e quando gente tá em pé ele tá deitado?
- Pé

O que é, o que é? Duas menina pela janela e nenhuma enxerga a outra?
- Orelha

O que é, o que é? Sem gordura não faz e com gordura não presta
- Sabão

O que é, o que é? Que corre mas não anda?
- Bala. Ela só corre quando tá atirando, mas não anda

O que é, o que é?
Vivi veio aqui
Mandado não sei de que
A d o dó
Pra quem não sabe ler
- Veado

O que é, o que é? Preto que só carvão e sai na sala que nem um cidadão?
- Café

O que é, o que é? Alta varanda tão bela, abre e fecha sem ninguém tocar nela?
- Olho

O que é, o que é?
Vi vim vi vão
Uma mão no pulso e a outra no vão
- Violão

O que é, o que é? Que passa por cima da água e não molha, passa n'água que ninguém nem vê?
- Grito

Maiadinha

O que é o que é? O que Deus deu duas vezes e depois tomou, rancou, né? E se a pessoa quiser mais, tem que comprar?
- Dentes

O que é o que é, que você tem, não serve pra você, e se você quiser usar tem que comprar?
- Canela. Canela de gente não serve pra colocar num bolo ou coisas assim. Pra usar assim tem que comprar.

Porque o boi não dá conta de subir o morro?
- Porque tem cupim.

O que é, o que é? Capim aqui e vara aculá?
- Capivara

O que é, o que é? Um curral de pau a pique e tem uma vaca vermelha dentro?
- Língua. Os dentes na boca é a cerca do curral de pau a pique.

O que é, o que é? Recarqueei, recarqueei nasci macho e macho fiquei?
- Queijo

O que é, o que é? Um pau de doze galho, cada galho tem seu ninho e cada ninho tem seu dono?
- O ano. São 12 meses e cada um tem o dia de aniversário de alguém

O que é, o que é? Quatro dando, cinco tirando e o dono olhando?
- Uma pessoa tirando o leite da vaca que tem quatro tetas, com a mão que tem cinco dedos e o bezerro, filho da vaca, olhando.

O que é, o que é? Uma casa com quatro forquilhas e coberta com uma telha só?
- Tatu.

O que é, o que é? A diferença da cobra com a mulher?
- A cobra faz a rudia e põe a cabeça em cima. A mulher faz a rudia e põe em cima da cabeça.

O que é, o que é? A diferença da alfaiata mais o motorista?
- A alfaiata põe a linha no carro [carretilha da maquina de costura] pra rodar e o motorista põe o carro na linha pra rodar, andar.

O que é, o que é? Eu dei porque num vi, porque se eu visse num tinha dado?
- Topada

Diadema

O que é o que é: Verde como o mato, fala como gente mas gente não é?
- Papagaio

O que é o que é? Barriga d'água, cabeça de fogo?
- Lamparina.

O que é o que é? Uma besta encapotada no meio do cerrado?
- Guariroba. Gueiroba.

O que é o que é? Redondinho que nem um limão e esturra que nem um barrão?
- Besouro.

O que é o que é?
Vasilha inteira eu num sou
Caco também num sou
Pulando pelo meio da mata
Eu me vou?
- Macaco!

O que é, o que é?

Campo branco, fulô preta

Cinco pernas e um graveto.

-A escrita. Campo branco é a foia do caderno. Os dedos pegados no lápi, fazeno a letra, é as cinco perna e um graveto. Fulô preta é a letra.

O que é o que é? Curral grande, gado pequeno?

-O céu. Ele num é tão grande e a estrela num é pequena?

Saiu a mulher e o marido, sabe? O marido montado no cavalo e a mulher na égua.

Quando foi na hora do pouso, ele desarriou a égua e o cavalo.

Aí o cavalo falou assim:

-Nossa senhora, eu tô morrendo de cansado...

A égua disse: Cê tá cansado? Cansada quem tá é eu. Você tá carregando um e eu tô carregando três!

-Três por que?

-É que eu to gestante com um pudrinho na barriga e a mulher gestante. Dá quantos? Dá três!

O que é o que é? Quatro em cima de quatro, quatro esperando quatro, quatro veio, quatro foi embora e quatro ficou?

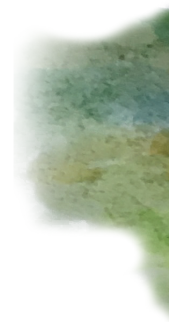
-O gato em cima da mesa, querendo pegar o rato

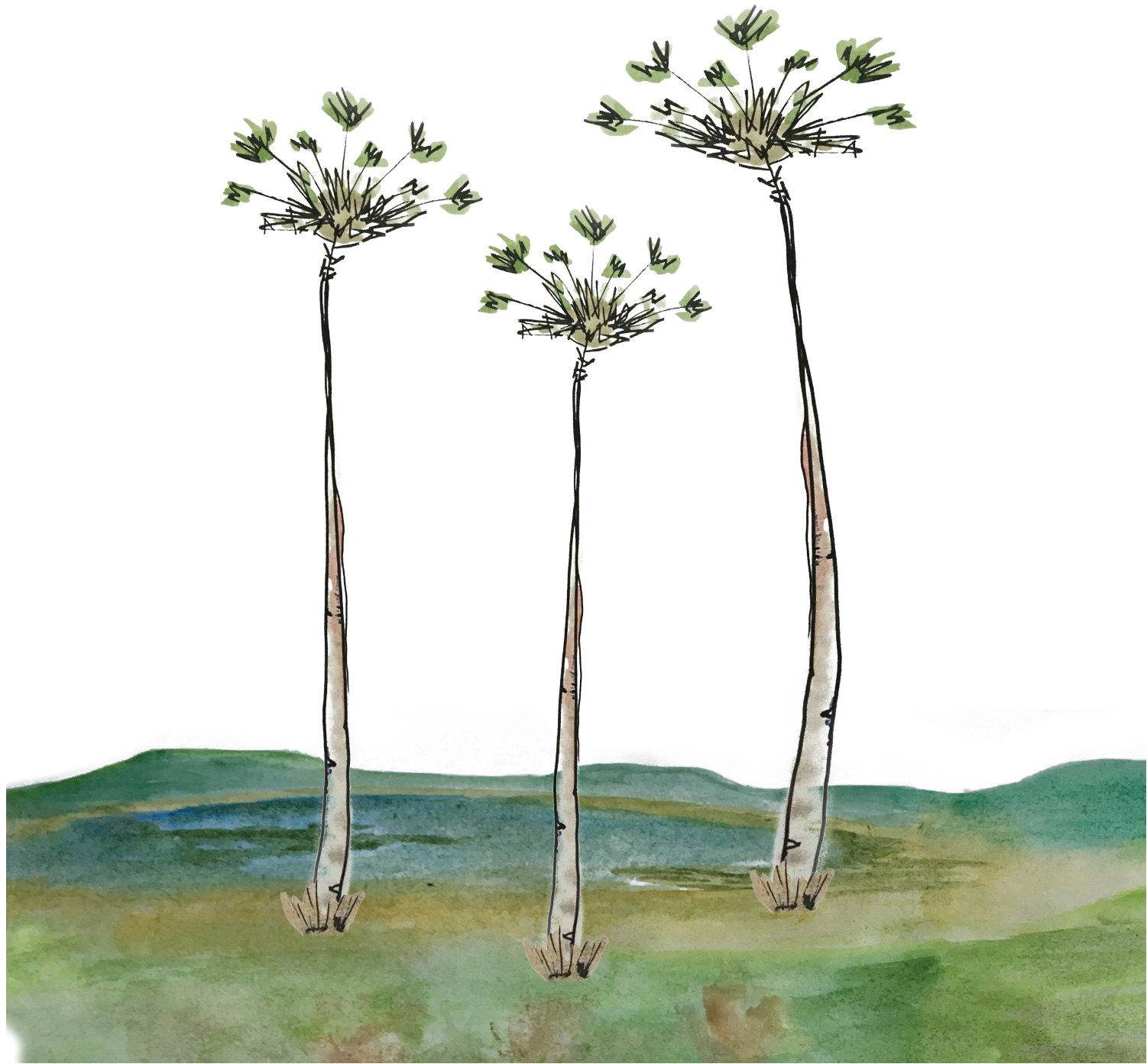
O que é o que é? Barriga de pau, cacunda de ferro, puxa pra trás e dá um berro?

-Espingarda

O que é o que é? E bom pra se comer mas ninguém num come?

-Colher









O GLOSSÁRIO

Maiadinha

- Abêia - Abelha
- Alfaiata - Costureira
- Arromper, romper - Sair andando
- Birro - Uma variedade de côco pequeno que forma cachos.
- Boilé - Dança de pares
- Braquiária - Capim
- Briquitano - Tentando
- Briquitano, priquitano, periquitando - Tentando
- Buraca, bruaca - Mala feita com couro cru. Também usado como um instrumento musical de percussão.
- Carrim - Carrinho
- Carro da maquina de costura - Carretilha
- Coeio - Coelho
- Coivara - Fogueira
- Corgo - Córrego
- Desa - Delas
- Descapole - Escapole
- Descunhada - Enxada com o cabo solto, sem a cunha, pedaço de madeira que da estabilidade ao cabo.
- Disapiar - Descer
- Disapiar - Apear, descer do cavalo
- Éia - Iam
- Enquantcho - Enquanto
- Espora - Um instrumento de ferro usado nos pés para esporar o cavalo
- Fio - Filho
- Freio - Para controle da montaria
- Fuita, fruita - Fruta
- Gongorra - Gangorra
- Guaiaba - Goiaba
- Ieu - Eu

- Marrar – Amarrar
- Mói – Molhe, um punhado.
- Muié – Mulher
- Musga – Música
- Ocê – Você
- Óio – Olho
- Ponhava – Apanhava
- Precurando – Procurando
- Procê – Para você
- Pudim – Potrinho
- Ronda – Brincadeira de roda
- Rudia – Rodilha. Pano enrolado e torcido formando um círculo usado sobre a cabeça pra carregar peso.
- Sela – Usada para arriar o cavalo pra que possa ser montado.
- Sussa – Nome de uma dança
- Trabaiava – Trabalhava
- Vasia – Vasilha
- Vazou na braquiária – Saiu correndo, fugiu

Tinguizal

- Anton – Então
- Arueira – Aroeira. Aroeira ou arrueira é o nome popular de várias espécies de árvores da família Anacardiaceae. Aroeira-mansa, aroeira-vermelha, aroeira-precoce, aroeira-pimenteira, aroeira-do-sertão, nativa de várias formações vegetais do nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil.
- Bateta da perna – Batata da perna, panturrilha.
- Birra – Teimosia
- Boilé – Dança de pares
- Caba – Cabra, homem
- Cabar – Acabar
- Cacunda – Costas
- Campinona – Campina grande

- Coivara – Queimada
- Curralo – Curral
- Danamite – Dinamite
- Deitchado – deitado
- Doecer – Adoecer
- Empreita – Contrato de trabalho
- Enfraquear – Enfraquecer
- Enrrabou – Correu atrás
- Esbagaçar – Embagaçar –quebrar em pedaços pequenos
- Espirrou – Saiu correndo
- Fíó/fiá – Filho/filha
- Forria – Alforria, liberdade
- Homi – Homem
- Judar – Ajudar
- Leivosia [aleivosia] – Assombração, falsidade, traição e deslealdade
- Mió – Melhor
- mota – Moto
- Muié – Mulher
- Nera? – Não era?
- Paro – Par
- Passano – Passando
- Péla – Pele
- Pôdi – Podre
- Por riba – Por cima
- Prendê – Aprender
- Pulano – Pulando
- Quetar – Ficar quieto
- Ranjar – Encontrar
- Repender – Arreponder
- Rodagem – Estrada
- Romper – Partir, sair
- Sartá – Saltar
- Talegada – Talagada, gole grande
- Trabaiá – Trabalhar

- Triscano – Encostando de leve
- Tudo em cima do pé – Tudo a pé
- Vem quebrando ramo de lá pra cá – Vem correndo pelo mato
- Vergona – Peçaço de pau rígrado.

Riachão

- Ataiô – Fez parar
- Coeca – Cueca
- Estiloso – Poderoso, fino
- Oreia – Orelha
- Poico – Porco
- Quarto – Quadril

Barra

- Cende – Acende
- Cochão – Colchão
- Coma – Cama
- Fôlgo – Fôlego
- Girano – Girando
- Mãe de pilão – Mão de pilão
- Pioi – Piolho
- Pono – Pano
- Pudrin – Potrinho

Vão de Almas

- Anté – Até
- Assuntano – pensando
- Cabresto – Correia usada para prender o cavalo pela cabeça e conduzi-lo
- Cacunda – Costas
- Cangaia – Cangalha
- Cuêia – Coelha
- Currale – Ccurral
- Desleitchá – Tirar o leite da vaca

- Impolou – Empolou, encheu de caroços
- Matula – Alimento para levar e comer em viagens
- Musguero – Músico
- Onti – Ontem
- Peia – Surra
- Pessoale – Pessoal
- Que eu batisse o corredor – Que eu saísse correndo
- Reposta – Resposta
- Soldade do ejerci – Soldado do exército
- Tomém – Também

Diadema

- Barrão – Porco sem castrar
- Cocá – Galinha d’angola
- Corrê cum periquito – Espantar periquitos comem o arroz plantado quando já está próximo de ser colhido. Esse é um trabalho que costuma ser feito por crianças.
- Crumatá – Curimatá, variedade de peixe.
- Escoraçador – Descarçador
- Esculateira – Vasilha para ferver água.
- Fazisse – Fizesse
- Imbruiá – Embrulhar
- Miada – Meada
- Paví – Pavio
- Quarta – Unidade de medida de cereais que em Goiás, equivale a uma lata de 18 litros.
- São Felo – São Felix
- Solo – Sol
- Tiar – Tear
- Urdia – Preparava o urdume do tear colocando os fios longitudinais, para receber a trama com os fios transversais e tecer o pano.
- Vareda – Vereda

AGRADECIMENTOS:

Suporte à realização deste trabalho

Edital 2016. FAC – GO – Fundo de Arte e Cultura de Goiás
SEDUCE – Secretaria de Educação Cultura e Esportes do Estado de Goiás
Gláucia Rodrigues – Centro de Estudos Universais – CEU
Associação Quilombo Kalunga e da Sra. Edina Gonzaga, Secretária Municipal de Educação Terezina de Goiás.

Escolas

Escola Kalunga II – Riachão, Território Kalunga em Monte Alegre

Aldeth Chaves – Professora
Josino Pereira Ramos Filho – Professor
Lourdes Fernandes – Bia Kalunga – Coordenadora e Professora
Merentina Neves dos Santos – Professora
Valmir Edeltrudes Rodrigues – Professor

Escola Kalunga I – Extensão Maiadinha, Território Kalunga Vão do Moleque, Cavalcante

Adilene Pereira dos Santos – Professora
Alessandra dos Santos Rosa – Professora
Jordana Lima da Conceição – Professora
Marinês Rosa Costa Serafim – Professora
Nilça Fernandes dos Santos – Coordenadora e Professora

Escola Municipal Tia Desuíta – Território Kalunga em Terezina de Goiás

Celia Regina Justiniano Pereira – Professora
Cleonice Fernandes da Cruz – Professora
Josele de Oliveira Costa – Professora
Maria das Graças Regis Magno – Professora
Maria Divina Faria dos Santos – Professora
Maria Zilma Pereira da Cunha – Diretora
Nilva Rocha Barnabé – Professora
Suziana de Aquino Santos – Assessora Pedagógica e Professora

Superintendência das Escolas Quilombolas:

Ivani da Silva Malta - Diretora

Luís Carlos de Moura - Motorista

Marcia Antunes - Superintendente

Maria Sueli Pereira de Araújo - Coordenadora Regional de Educação

Nilson Francisco Quirino - Motorista

Raphael Pereira de Sousa - Coordenador Geral

Tania Marcia Morais - Coordenadoria Regional de Inclusão

Valéria Cavalcante de Souza - Superintendência do Ensino Fundamental

Ana Júlia / Domingas dos Santos (RL)

Ariane / Domingas dos Santos (RL)

Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

Claudia Fernandes dos Santos - Tôca

Cleodimar Pereira Alves

Débora / Domingas dos Santos (RL)

Fabiana Santos

Filomena Soares

Floraci Pereira da Cunha

João Paulo / Daniel R. da Conceição (RL)

Jocília Pereira

Liecida Cunha Santiago

Lúcia Vânia Pereira da Cunha

João Paulo / Daniel R. da Conceição (RL)

Jocília Pereira

Liecida Cunha Santiago

Lúcia Vânia Pereira da Cunha

Maria Clara Faria dos Santos

Maria Delice dos Santos Rosa

Marinz Rosa Costa Serafim

Nilsa Moreira das Virgens

Rosilene Lima Soares

Rosimar da Cunha Santiago

Suzideth Soares da Cunha

Rosimar Lima Soares

Tarcila da Silva Santiago

Tercina Faria dos Santos

Wilton Ribeiro Lopes

REFERÊNCIAS

HAMPATÉ BÁ, Amadou. A Tradição Viva. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

ANTONNACCI, M. Antonieta. **No corpo a corpo, letra, voz, imagens em culturas africanas e afro-brasileiras**. VII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coimbra 16-18 set. 2004. Coimbra: Colégio São Jerônimo, p. 1-13

_____. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. São Paulo: EDUC, 2013.

FERNANDES GONÇALVES, Genildo, **Variação linguística da Comunidade Kalunga Vão de Almas: Um estudo no contexto da Fazenda Coco**. Brasília: UnB, 2015. 34 p. Monografia (Graduação) - Licenciatura em Educação do Campo - FUP/UnB, Brasília, 2015

FERREIRA DA SILVA, Hallana, **Abuso sexual de meninas Kalunga**. Brasília: UnB, 2015. 55 p. Monografia (Graduação) - Licenciatura em Educação do Campo - FUP/UnB, Brasília, 2015

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

MIGNOLO, Walter. **Des-colonialidade del ser e del saber**, Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006

_____. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2003

NOTAS:

[1] Urdume são os fios longitudinais de um tear, tensionados para receber a trama formada pelos fios horizontais. Um encontro que origina o tecido.

[2] Cf. conceitos sobre as sociedades da oralidade são de Hampaté Bá em A Tradição Viva.

[3] A reflexão sobre modernidade em Antonacci, em Decolonialidade de Corpos e Saberes: Ensaio sobre a Diáspora do Eurocentrado.

[4] Mignolo, A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. Pensamento assim organizado vem de Antonieta Antonacci.

[5] Walter MIGNOLO, El desprendimiento: pensamiento critico y giro descolonial in SCHIWY, MALDONADO-TORRES, MIGNOLO. Des-colonialidade del ser e del saber, Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006, pp. 13-18.

[6] Genildo Fernandes Gonçalves em TCC na Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília. <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13186/1/2015_GenildoFernandesGoncalves.pdf>.

[7] A expressão colonialidade vem de MIGNOLO, Walter. histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Ed. UFMG 2003.

[8] Dada a importância da visibilização desta realidade, compartilho o link para o importante trabalho: Abuso sexual de meninas Kalunga. TCC de Hallana Ferreira da Silva, na Licenciatura em Educação do Campo, pela Universidade de Brasília. <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13164/1/2015_HalannaFerreiradaSilva.pdf>

[9] Elaboracao de Antonieta Antonacci.

[10] Kita de Sousa Ribeiro narra essa história e analisa que Rei propôs uma conta mas não disse qual era ou deveria ser a relação entre os dois valores. Se deveriam ser somados, multiplicados, divididos ou subtraídos, ou qual deveria ser a relação entre eles. E Camões desvendou o absurdo na proposta.

[11] Universidade de Brasilia.

[12] Assombração, engano, falsidade, traição, deslealdade.

[13] Império do Divino, Refere-se à festa da Caçada da Rainha.

[14] Umas Mulheres que dão no Couro: As Caixeiras do Divino no Maranhão – Livro e documentário apoiados pelo Petrobras Cultural.

E DE ONDE FALO EU?

Sou migrante, filha de migrantes, mãe de migrantes. Nasci em Anápolis, Goiás, em meio a muito movimento de meus pais desde o Piauí, aldeamento indígena em Goianinha no Rio Grande do Norte, para Belém do Pará, Minas Gerais, Rio de Janeiro. E vivo em Goiás agora depois de viver em São Paulo desde o final da adolescência. Lá deixei filhos e netos em uma rede que sai do Brasil também.

O sentimento de pertencimento me é raro e caro. Eu o construo pela minha trajetória pessoal e profissional como mulher negra, indígena, vivenciando, estudando, pesquisando em estreita conexão com o universo no qual “pertença, logo existo” dá significado à existência.

Conheci o povo Kalunga em uma exposição no ano de 2005 em S. Paulo. Ali estava o grupo de 52 brasileiras que participaram da proposta de um prêmio Nobel para 1000 mulheres que representavam as lutas mundiais pela paz. No meio de tanta gente, vi uma Bandeira do Divino, tema da pesquisa que desenvolvia à época sobre as Caixeiros do Divino¹⁴ e fui conversar com Dona Procópio, uma das 52 mulheres, liderança comunitária e política Kalunga, que me apresentou seu povo.

Nos reencontramos em 2007, em São Jorge, quando trabalhava no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros do qual os Kalunga são anfitriões.

Em meu segundo mestrado, desta vez em Música na Universidade de Brasília, fui professora durante três anos na LedoC – Licenciatura em Educação do Campo na Unb. Trabalhei com música, cultura e brincadeiras em diálogo com essa formação de professores.

A Ledoc é uma licenciatura construída em articulação com os movimentos sociais de luta pela terra. São estudantes ali os professores em assentamentos rurais e quilombos a maioria deles proveniente do Território Quilombola Kalunga.

E este trabalho, O que é O que é? Infâncias Kalunga, se soma a uma proposta de educação na qual os saberes, os valores civilizatórios construídos e pertinentes à sua cultura estão presentes em sua prática como professores.

O universo da oralidade nos indicou método e caminhos para a pesquisa. Aqui estamos!

Marise Glória Barbosa

CD FAIXAS

PÁGINA

01 - O Rei e suas filhas	23
02 - Juliana e Dom Jorge e Marculina	25
03 - O Rola-Rola	27
04 - Cundungueiro	42
05 - Fortina	44
06 - Branca de Neve	46
07 - Chapeuzinho vermelho	46
08 - Boi Azeitão	52
09 - Si ai zagarêaê! Esse mungango num é bom fiais	56
10 - Nadando na enchente aos 8 anos	67
11 - Serrador de Iaíá	69
12 - Rezar pra chuva cair	70
13 - Boilé - Cajueiro piquinin	77
14 - Piranha	84
15 - Jovina	84
16 - Caranguejo	85
17 - Passei no pé de laranja	85
18 - Candarim de Sinhá	86
19 - Barbuleta preta	87
20 - Menino num maltrata essa nega	88
22 - Cantiga pra brincar Cochete	96
23 - Mariquinha da beira do rio	100
24 - Cantiga da Tataíra	100
25 - Chico chico	101
26 - Bendito do Espirito Santo	102
27 - Benção	104